



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2025/26
10º LEVANTAMENTO

Julho 2026
volume 13
NÚMERO

10

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes Oliveira

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Couglan Hilter Sampaio Cardoso

Eledon Pereira de Oliveira

Janaína Maia de Almeida

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Luciana Gomes da Silva

Marco Antônio Garcia Martins Chaves

Martha Helena Gama de Macêdo

Pedro Muller Metsavaht Salomão

Equipe técnica da Geote

Eunice Costa Gontijo

Fernando Arthur Santos Lima

Gabriella de Jesus Teixeira

Lucas Barbosa Fernandes

Lucas Marçal Romeiro Barbosa

Rafaela dos Santos Souza

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Viviane Silveira Anjos

Walquiria de Lima Mesquita

Colaboradores

Adonis Boeckmann e Silva (Gerpa – algodão), Bruno de Souza Machado (Gerpa – arroz), Danielle Barros Ferreira (Inmet), Frederico Vaz Sampaio (Gerpa – milho), Leandro Menegon Corder (Gefab – trigo), Leonardo Amazonas (Gerpa – soja) e Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gerpa – feijão).

Superintendências regionais

Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Distrito Federal, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, São Paulo, Santa Catarina, Sergipe e Tocantins.



ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2025/26
10º LEVANTAMENTO

Copyright © 2026– Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: www.gov.br/conab
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Editoração
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação
Guilherme Rodrigues e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos
Acervo Conab

Normalização
Márcio Canella Cavalcante - CRB 1/2221

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, Brasília, DF, v. 13, safra 2025/26, n. 10
décimo levantamento, julho 2026.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977 -1991); Previsão e acompanhamento de safras
(1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra
(2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

CDU: 633.61 (81) (05)

Ficha catalográfica elaborada por Thelma Das Graças Fernandes Sousa CBR-1/1843

Sumário

CLIQUE NOS ÍCONES À DIREITA E ACESSE OS CONTEÚDOS

7	RESUMO EXECUTIVO
13	INTRODUÇÃO
16	ANÁLISE CLIMÁTICA
23	ANÁLISE DAS CULTURAS
23	ALGODÃO
36	ARROZ
44	FEIJÃO
69	MILHO
93	SOJA
100	TRIGO
112	OUTRAS CULTURAS DE VERÃO
124	OUTRAS CULTURAS DE INVERNO



RESUMO EXECUTIVO

O atual levantamento indica um acréscimo de 2,2% na produção de grãos, equivalente a 7,8 milhões de toneladas em relação à safra anterior, elevando a estimativa para 360,1 milhões de toneladas. Em comparação com a pesquisa anterior, observa-se um aumento de 0,4%, correspondente a 1,5 milhão de toneladas, decorrente, principalmente, da atualização de soja e milho.

No período de realização da pesquisa, as culturas de primeira safra, com exceção do milho e do algodão, já haviam concluído a colheita. Entre as culturas de segunda safra, a colheita do feijão segue em andamento. O milho apresenta 18,8% da área colhida, com a maior parte em maturação. Nas culturas de terceira safra, a semeadura foi concluída, e as lavouras seguem em desenvolvimento. Quanto às culturas de inverno, o plantio encontra-se em fase final na Região Sul, enquanto nos demais estados as lavouras se apresentam em estádios da floração à colheita.

A área cultivada no país está estimada em 83,5 milhões de hectares, representando um crescimento de 2,2%, equivalente 1,8 milhão de hectares, em relação à safra anterior. Destacam-se a soja, com crescimento de 2,7%, equivalente a 1,3 milhão de hectares, e o milho, cuja área cresceu 3,6%, correspondendo a um acréscimo de 778,6 mil hectares. O sorgo também apresenta expansão,

com aumento de 519,7 mil hectares.

Para as culturas de inverno, cuja semeadura ainda não foi concluída, estima-se uma área de 3,1 milhões de hectares, redução de 242,3 mil hectares na área cultivada.

CLIQUE NOS ÍCONES À ESQUERDA E ACESSE OS CONTEÚDOS

cultivada em áreas irrigadas na Região Centro-Sul e em áreas de sequeiro na Região Nordeste, está estimada em 692,8 mil toneladas, com as lavouras nos estágios de desenvolvimento vegetativo à fase inicial de colheita.

TABELA 1 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR PRODUTO

Brasil	Estimativa da produção de grãos			Safras 2024/25 e 2025/26					
Produto	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.085,6	2.018,6	(3,2)	2.776	2.853	2,8	5.789,9	5.758,3	(0,5)
ALGODÃO - PLUMA	2.085,6	2.018,6	(3,2)	1.957	2.011	2,8	4.081,5	4.059,8	(0,5)
AMENDOIM TOTAL	280,4	281,8	0,5	4.136	4.548	10,0	1.159,7	1.281,5	10,5
Amendoim 1ª Safra	273,1	274,8	0,6	4.202	4.621	10,0	1.147,6	1.269,7	10,6
Amendoim 2ª Safra	7,3	7,0	(4,1)	1.662	1.709	2,8	12,1	11,8	(2,5)
ARROZ	1.763,9	1.520,0	(13,8)	7.233	7.295	0,9	12.757,7	11.088,2	(13,1)
Arroz sequeiro	394,6	255,5	(35,3)	2.935	2.550	(13,1)	1.158,2	651,5	(43,7)
Arroz irrigado	1.369,3	1.264,5	(7,7)	8.471	8.253	(2,6)	11.599,5	10.436,7	(10,0)
FEIJÃO TOTAL	2.693,0	2.542,8	(5,6)	1.136	1.186	4,4	3.059,9	3.016,5	(1,4)
FEIJÃO 1ª SAFRA	908,5	793,0	(12,7)	1.170	1.226	4,8	1.062,7	971,9	(8,5)
Cores	347,3	333,2	(4,1)	1.707	1.800	5,5	592,8	599,7	1,2
Preto	169,0	116,2	(31,2)	1.953	1.761	(9,8)	330,2	204,6	(38,0)
Caupi	392,2	343,6	(12,4)	356	488	36,9	139,7	167,5	19,9
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.400,1	1.364,6	(2,5)	953	990	4,0	1.333,6	1.351,4	1,3
Cores	294,6	299,4	1,6	1.499	1.613	7,6	441,6	483,0	9,4
Preto	286,6	181,1	(36,8)	1.616	1.373	(15,0)	463,2	248,7	(46,3)
Caupi	818,9	884,1	8,0	524	701	33,8	428,9	619,8	44,5
FEIJÃO 3ª SAFRA	384,4	385,2	0,2	1.726	1.799	4,2	663,7	692,8	4,4
Cores	326,5	328,6	0,6	1.881	1.969	4,7	614,2	647,1	5,4
Preto	14,1	14,1	-	1.268	1.147	(9,5)	17,9	16,2	(9,5)
Caupi	43,8	42,5	(3,0)	721	696	(3,5)	31,6	29,6	(6,3)
GERGELIM	608,0	503,0	(17,3)	657	585	(10,9)	399,4	294,5	(26,3)
GIRASSOL	61,9	77,6	25,4	1.622	1.437	(11,4)	100,4	111,5	11,1
MAMONA	69,6	75,7	8,8	1.437	1.718	19,6	100,0	130,1	30,0
MILHO TOTAL	21.838,0	22.616,6	3,6	6.464	6.267	(3,1)	141.157,6	141.728,9	0,4
Milho 1ª Safra	3.772,6	4.140,8	9,8	6.610	7.149	8,2	24.935,8	29.603,7	18,7
Milho 2ª Safra	17.430,3	17.797,9	2,1	6.496	6.148	(5,4)	113.228,4	109.430,1	(3,4)
Milho 3ª Safra	635,1	677,9	6,7	4.714	3.976	(15,7)	2.993,6	2.695,2	(10,0)
SOJA	47.346,1	48.640,6	2,7	3.622	3.712	2,5	171.480,5	180.568,0	5,3
SORGO	1.632,0	2.151,7	31,8	3.739	3.542	(5,3)	6.102,2	7.621,9	24,9
SUBTOTAL	78.378,5	80.428,4	2,6	4.365	4.372	0,2	342.107,3	351.599,4	2,8
Culturas de inverno	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	2025	2026	VAR. %	2025	2026	VAR. %	2025	2026	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
AVEIA	545,8	532,5	(2,4)	2.368	2.275	(3,9)	1.292,3	1.211,5	(6,3)
CANOLA	211,9	371,1	75,1	1.627	1.620	(0,4)	344,8	601,3	74,4
CENTEIO	2,1	2,9	38,1	2.381	2.241	(5,9)	5,0	6,5	30,0
CEVADA	139,2	158,5	13,9	4.358	3.987	(8,5)	606,6	631,9	4,2
TRIGO	2.445,9	2.036,7	(16,7)	3.219	2.959	(8,1)	7.873,4	6.025,9	(23,5)
TRITICALE	11,4	12,3	7,9	3.211	2.959	(7,8)	36,6	36,4	(0,5)
SUBTOTAL	3.356,3	3.114,0	(7,2)	3.027	2.734	(9,7)	10.158,7	8.513,5	(16,2)
BRASIL (2)	81.734,8	83.542,4	2,2	4.310	4.311	-	352.266,0	360.112,9	2,2

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em julho/2026.

TABELA 2 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF

Brasil	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados*						Safras 2024/25 e 2025/26		
Região/UF	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	5.958,4	6.297,7	5,7	3.804	3.897	2,4	22.664,3	24.540,5	8,3
RR	171,9	186,0	8,2	4.027	3.953	(1,8)	692,3	735,3	6,2
RO	1.242,8	1.211,2	(2,5)	4.369	4.364	(0,1)	5.429,7	5.286,2	(2,6)
AC	68,7	73,2	6,6	3.082	3.288	6,7	211,7	240,7	13,7
AM	28,6	32,8	14,7	3.024	2.790	(7,8)	86,5	91,5	5,8
AP	14,0	15,7	12,1	2.143	2.255	5,2	30,0	35,4	18,0
PA	2.023,8	2.254,3	11,4	3.480	3.668	5,4	7.042,0	8.268,0	17,4
TO	2.408,6	2.524,5	4,8	3.808	3.915	2,8	9.172,1	9.883,4	7,8
NORDESTE	10.041,6	10.244,5	2,0	3.129	3.399	8,6	31.420,6	34.824,8	10,8
MA	2.257,6	2.323,1	2,9	3.895	3.927	0,8	8.792,4	9.123,9	3,8
PI	1.942,6	1.998,7	2,9	3.221	3.848	19,4	6.258,0	7.690,3	22,9
CE	938,7	899,5	(4,2)	379	1.076	183,6	356,1	967,8	171,7
RN	112,6	108,2	(3,9)	274	465	70,0	30,8	50,3	63,3
PB	224,2	210,7	(6,0)	388	525	35,4	87,0	110,7	27,2
PE	370,7	368,8	(0,5)	947	938	(0,9)	351,1	346,0	(1,5)
AL	59,3	60,4	1,9	3.578	3.331	(6,9)	212,2	201,2	(5,2)
SE	194,7	194,5	(0,1)	6.738	4.475	(33,6)	1.311,9	870,4	(33,7)
BA	3.941,2	4.080,6	3,5	3.558	3.790	6,5	14.021,1	15.464,2	10,3
CENTRO-OESTE	36.724,5	37.842,5	3,0	4.882	4.688	(4,0)	179.286,7	177.419,4	(1,0)
MT	22.300,1	22.776,3	2,1	5.040	4.978	(1,2)	112.395,7	113.388,0	0,9
MS	6.645,0	6.897,1	3,8	4.303	4.338	0,8	28.596,4	29.921,3	4,6
GO	7.593,0	7.976,4	5,0	4.921	4.158	(15,5)	37.363,1	33.166,7	(11,2)
DF	186,4	192,7	3,4	4.997	4.896	(2,0)	931,5	943,4	1,3
SUDESTE	6.994,0	7.155,8	2,3	4.311	4.372	1,4	30.153,3	31.284,2	3,8
MG	4.298,0	4.382,3	2,0	4.283	4.351	1,6	18.408,6	19.069,2	3,6
ES	25,2	25,6	1,6	2.829	2.660	(6,0)	71,3	68,1	(4,5)
RJ	2,8	2,6	(7,1)	3.286	3.423	4,2	9,2	8,9	(3,3)
SP	2.668,0	2.745,3	2,9	4.372	4.421	1,1	11.664,2	12.138,0	4,1
SUL	22.016,3	22.001,9	(0,1)	4.031	4.183	3,8	88.741,1	92.044,0	3,7
PR	9.954,9	10.412,7	4,6	4.491	4.547	1,2	44.710,3	47.344,3	5,9
SC	1.429,0	1.415,4	(1,0)	5.690	5.620	(1,2)	8.131,3	7.954,1	(2,2)
RS	10.632,4	10.173,8	(4,3)	3.376	3.612	7,0	35.899,5	36.745,6	2,4
NORTE/NORDESTE	16.000,0	16.542,2	3,4	3.380	3.589	6,2	54.084,9	59.365,3	9,8
CENTRO-SUL	65.734,8	67.000,2	1,9	4.536	4.489	(1,0)	298.181,1	300.747,6	0,9
BRASIL	81.734,8	83.542,4	2,2	4.310	4.311	-	352.266,0	360.112,9	2,2

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em julho/2026.



INTRODUÇÃO

A Conab apresenta o décimo levantamento, da safra 2025/26, que mantém a estimativa de aumento da produção de grãos em relação à safra anterior. A colheita das lavouras de primeira safra se encontra em processo de conclusão e a de segunda safra avançou em relação ao último levantamento. A semeadura das culturas de terceira safra já foi concluída.

A semeadura das culturas de inverno encaminha para a finalização, e a colheita foi iniciada em alguns estados.

Registra-se o agradecimento aos colaboradores da Conab situados em todas as Unidades da Federação e pelo levantamento das informações que fundamentam este boletim. Também foi destacada a contribuição de diversas entidades, tanto públicas quanto privadas, ao fornecer dados para a estimativa da safra brasileira de grãos.

As estimativas da produção refletem a expectativa de produção no mês anterior à publicação do boletim, levando em consideração as condições climáticas esperadas até o final do cultivo. No entanto, sempre há a possibilidade de alteração nos números em caso de condições climáticas adversas ou excepcionalmente favoráveis.

Como parte da metodologia, os dados de produtividade, por cultura e por Unidade da Federação, são inicialmente estimados com o auxílio de modelos estatísticos em relação ao histórico de produtividades. Os modelos permitem segurança nas previsões, levando em consideração os cenários favoráveis e desfavoráveis às culturas. Os dados gerados são analisados para todas as culturas em todos os estados, considerando as informações climáticas e os pacotes tecnológicos modais de cada estado, também levantados pela Conab.

Ao todo, são analisados mais de 540 dados de área e produtividade. Para as culturas que já avançam no seu ciclo e possuem informações mais consolidadas de campo, iniciam-se as revisões dos números iniciais, e os dados são ponderados de acordo com as condições apresentadas em cada região dos estados.

As análises são feitas a partir das condições meteorológicas, sobretudo chuva e temperatura, observadas ao longo do ciclo da cultura, por meio de interpretações de análises de satélite, principalmente a análise evolutiva e comparativa do Índice de Vegetação por Diferença Normalizada (NDVI) e mediante investigações de campo, tanto subjetivas, contando com a colaboração da nossa rede de agentes colaboradores, por meio da aplicação de questionários, mensalmente, e coletadas mais de 4.000 informações em todo o Brasil, quanto objetivas, com investigação direta nas lavouras dos fatores de produtividade, além do auxílio de mapeamento das áreas.

Mensalmente, os dados de área, produtividade e produção são atualizados. A estimativa da produção leva em consideração as condições climáticas pontuais, observadas no período de levantamento, assim como os prognósticos para até o final do cultivo.

Nas análises estaduais, são destacados os eventos mais relevantes ocorridos, como início de semeadura, eventos climáticos severos e situação de manejo ou inserção de novas culturas no estado.

As informações deste boletim devem ser correlacionadas aos dados numéricos publicados em nossa [planilha de safra](#). Recomendamos a leitura do [Boletim de Monitoramento Agrícola](#) e do [Progresso de Safra](#) para acompanhamento sistemático da safra brasileira de grãos.

Boa leitura!



ANÁLISE CLIMÁTICA¹

ANÁLISE CLIMÁTICA DE JUNHO

Em junho de 2026, as chuvas foram acima de 150 mm no extremo-norte da Região Norte, áreas pontuais do leste da Região Nordeste, bem como na divisa entre o sudoeste do Paraná e noroeste de Santa Catarina. Nas demais áreas, os volumes de chuva variaram entre 50 mm e 100 mm, exceto na região do Matopiba e parte norte das Regiões Centro-Oeste e Sudeste, onde os valores foram inferiores a 40 mm, reduzindo os níveis de umidade do solo nestas áreas.

Na Região Norte, os volumes de chuva foram superiores a 150 mm no Amapá, nordeste do Pará e leste do Amazonas, mantendo elevados os níveis de umidade do solo. Já no Acre, centro-oeste do Amazonas, parte central e noroeste do Pará e norte de Roraima, os volumes de chuva variaram entre 50 mm e 120 mm. Nas demais áreas, as chuvas foram inferiores a 40 mm, reduzindo o armazenamento hídrico.

Na Região Nordeste, chuvas foram acima de 150 mm no leste de Alagoas, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Bahia. Nas demais áreas, os volumes

¹ Danielle Barros Ferreira – Meteorologista do Inmet – Brasília.

de chuva variaram entre 50 mm e 120 mm, exceto no interior da região, os valores não ultrapassaram os 40 mm, havendo redução dos níveis de umidade do solo, principalmente na região do Matopiba. Este cenário favorece a secagem natural do milho segunda safra, mas manterá a restrição às lavouras que se encontram na fase de enchimento de grãos.

Os maiores volumes de chuva na Região Centro-Oeste foram registrados no extremo-sul de Goiás e centro-leste de Mato Grosso do Sul, com acumulados variando entre 70 mm e 150 mm, elevando os níveis de umidade do solo e favorecendo as lavouras mais tardias de milho segunda safra. Entretanto, as chuvas podem retardar a perda de umidade dos grãos, ocasionando lentidão na colheita. No centro-norte de Mato Grosso e Goiás, além do Distrito Federal, os volumes foram inferiores a 40 mm, resultando na redução do armazenamento hídrico no solo.

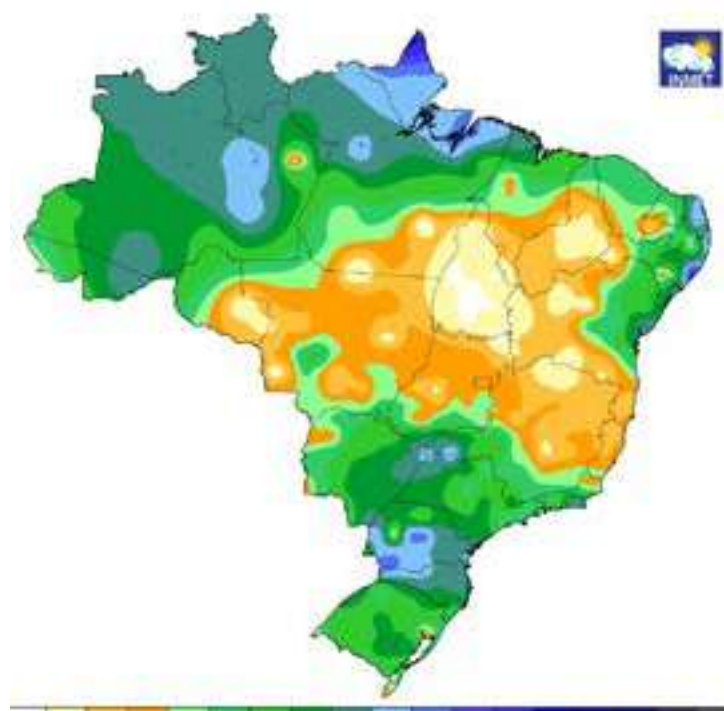
Na Região Sudeste, os acumulados de chuva foram superiores a 50 mm em grande parte da Região Sudeste, com exceção do centro-norte de Minas Gerais e do Espírito Santo, onde os volumes ficaram abaixo de 30 mm, reduzindo os níveis de umidade do solo. No geral, as condições seguem favoráveis para os cultivos de segunda safra e inverno.

Na Região Sul, os volumes de chuva foram superiores a 150 mm no sudoeste do Paraná e porção noroeste de Santa Catarina. No restante da região, os acumulados de chuva variaram entre 50 mm e 120 mm. Estas condições mantiveram a umidade do solo em grande parte da Região Sul, associadas às temperaturas mais amenas, contribuíram para o preparo das áreas agrícolas, bem como para a emergência e o desenvolvimento vegetativo das lavouras de trigo.

Em junho, as temperaturas máximas permaneceram acima de 30 °C na Região Norte, centro-oeste da Região Nordeste, além de áreas no Mato Grosso e norte de Goiás. Já no leste da Região Nordeste, Mato Grosso do Sul, sul de Goiás, Distrito Federal, Região Sudeste e Paraná, as temperaturas máximas variaram entre 18 °C e 26 °C. Em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, as máximas foram mais amenas e abaixo de 18 °C.

Em relação às temperaturas mínimas, os valores superaram 22 °C no centro-norte das Regiões Norte e Nordeste. Nas Regiões Sul e Sudeste, além de áreas de Mato Grosso do Sul, sul de Goiás e Distrito Federal, as mínimas ficaram abaixo de 16 °C, refletindo em condições mais amenas. Destacam-se, ainda, episódios isolados de frio em junho, com registro de temperaturas próximas e abaixo de zero em áreas mais elevadas das regiões sul e sudeste, bem como no sul de Mato Grosso do Sul e São Paulo, associados à atuação de duas massas de ar polar com intensidade variando de moderada a forte.

FIGURA 1 -ACUMULADO DA PRECIPITAÇÃO PLUVIOMÉTRICA EM JUNHO DE 2026

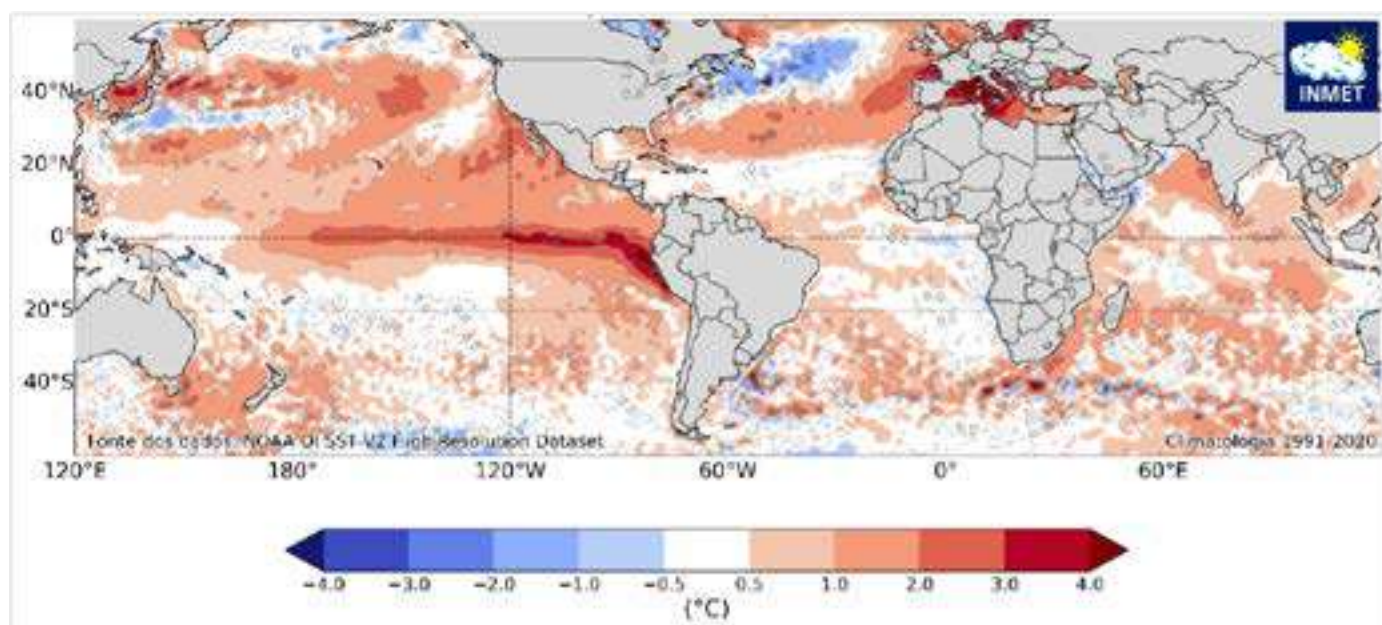


Fonte: Inmet.

1.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

Na figura abaixo, observa-se a anomalia da Temperatura da Superfície do Mar (TSM) no período de 16 a 30 de Junho de 2026. Nesse intervalo, foram registrados valores acima de 2 °C ao longo da faixa longitudinal compreendida entre 80°W e 160°E, indicando temperaturas acima da média climatológica. As águas mais aquecidas concentraram-se na costa oeste da América do Sul, entre 80°W e 100°W, onde as anomalias variaram entre 3 °C e 4 °C. Ao analisar especificamente as anomalias médias diárias de TSM na região do Niño 3.4, delimitada entre 170°W e 120°W, verificaram-se valores positivos e acima de 1 °C ao longo de junho, sinalizando o início das condições de El Niño. A caracterização do fenômeno foi oficializada pelo Centro de Previsão Climática da NOAA no dia onze de junho.

FIGURA 2 – MAPA DE ANOMALIAS DE TSM NO PERÍODO DE 16 A 30 DE JUNHO DE 2026



Fonte: NOAA.

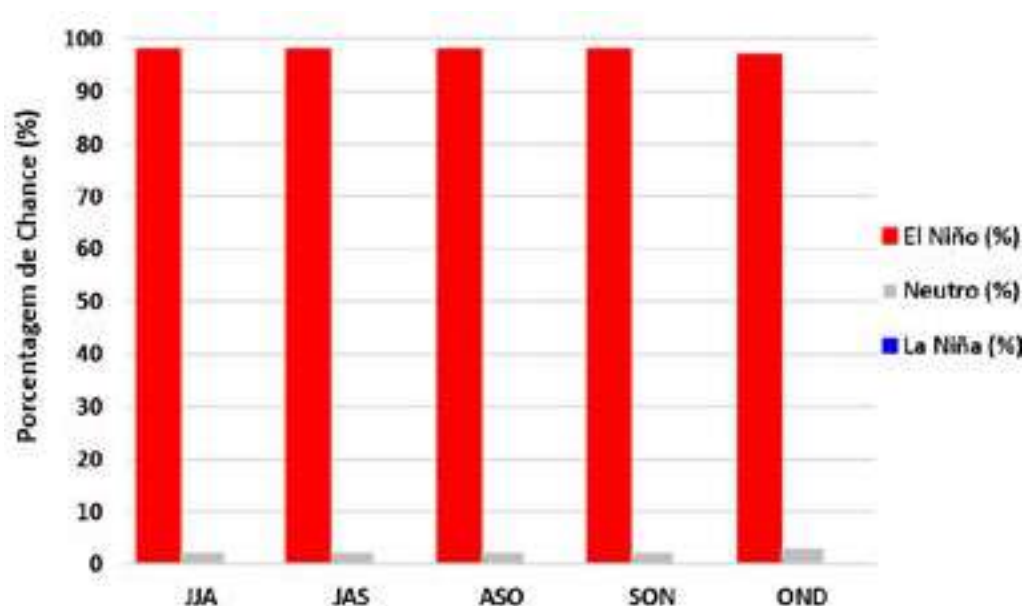
GRÁFICO 1 – MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE EL NIÑO/LA NIÑA NA REGIÃO 3.4



Fonte: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

A análise do modelo de previsão do ENOS (El Niño - Oscilação Sul), realizada pelo Instituto Internacional de Pesquisa em Clima (IRI), aponta para a persistência das condições de El Niño (fase quente) durante o trimestre julho, agosto e setembro de 2026, com probabilidade de 100%.

GRÁFICO 2 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE EL NIÑO OU LA NIÑA



Fonte: IRI - <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current/>.

1.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO JULHO, AGOSTO E SETEMBRO DE 2026

As previsões climáticas para os próximos três meses, de acordo com o modelo do INMET, são apresentadas na figura abaixo. O modelo indica a ocorrência de chuvas acima da média em grande parte da Região Sul e extremo-norte do país. Nas demais áreas, são previstas chuvas próximas ou abaixo da média.

Analisando separadamente cada região do país, a previsão indica chuvas abaixo da média em grande parte da Região Norte, reduzindo os níveis de umidade no solo. Por outro lado, são previstas chuvas acima da média no Amapá, noroeste do Pará, norte de Roraima, bem como na porção oeste da região amazônica.

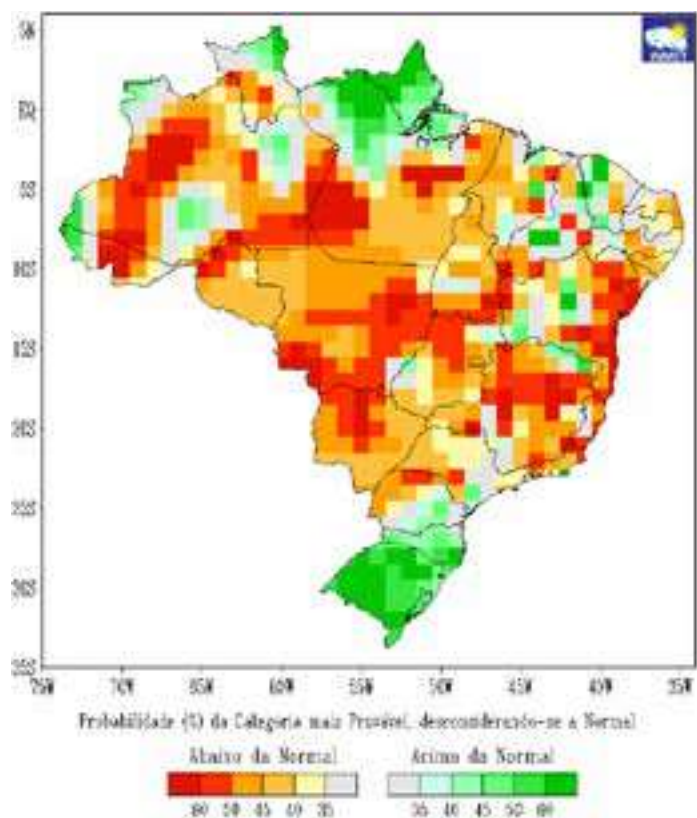
Na maior parte da Região Nordeste, a previsão indica irregularidade das chuvas, com áreas pontuais acima da média no interior da região e chuvas abaixo da média na costa leste, condição que pode favorecer a redução gradual dos níveis de umidade do solo, incluindo áreas da região do Matopiba.

Em grande parte das Regiões Centro-Oeste e Sudeste, são previstas chuvas abaixo da média, o que pode ocasionar diminuição dos níveis de umidade de solo.

Na Região Sul, são previstas chuvas acima da média para Santa Catarina, Rio Grande do Sul e centro-sul do Paraná. Já no norte do Paraná, as chuvas podem ficar abaixo da média. De modo geral, os níveis de umidade do solo devem permanecer satisfatórios em grande parte da região durante o trimestre.

As temperaturas médias do ar devem permanecer próximas ou acima da média histórica em grande parte do país. Valores superiores a 25 °C são previstos para a Região Norte, centro-norte da Região Nordeste e norte de Mato Grosso. Já nas regiões Sul e Sudeste, sudeste de Mato Grosso, porções leste e sul de Goiás, Distrito Federal e Mato Grosso do Sul, temperaturas mais amenas e inferiores a 22 °C podem ocorrer. Destacam-se ainda, as áreas de maior altitude das Regiões Sul e Sudeste, onde as temperaturas podem ficar abaixo de 12 °C, especialmente durante a atuação de massas de ar frio.

FIGURA 3 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE JULHO, AGOSTO E SETEMBRO DE 2026



Fonte: Inmet.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do [site do Inmet](#).

ANÁLISE DAS CULTURAS



ALGODÃO

ÁREA

2.018,6 mil ha

- 3,2%

PRODUTIVIDADE

2.011 kg/ha

+ 2,8%

PRODUÇÃO

4.059,8 mil t

- 0,5%

Comparativo com safra anterior.

Algodão em pluma.

Fonte: Conab.

TABELA 3 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ALGODÃO EM PLUMA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	1.665,6	1.802	3.001,6
2020/21	1.370,6	1.721	2.359,0
2021/22	1.600,4	1.596	2.554,1
2022/23	1.663,7	1.907	3.169,9
2023/24	1.944,2	1.904	3.701,4
2024/25	2.085,6	1.957	4.081,5
2025/26	Jun./26	2.020,0	3.978,4
	Jul./26	2.011	4.059,8

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

A colheita do algodão já foi iniciada na maior parte dos estados produtores neste décimo levantamento da safra 2025/26. Em contrapartida, Tocantins, Rondônia, Pará, Paraíba e Rio Grande do Norte ainda não iniciaram as operações. Entre esses estados, a Paraíba apresenta situação distinta, com apenas parte da área semeada e lavouras distribuídas entre diferentes estádios fenológicos, com predominância do desenvolvimento vegetativo. Por outro lado, em São Paulo, a colheita encontra-se em fase final, enquanto no Paraná os trabalhos já foram concluídos.

Em relação ao levantamento anterior, houve ajustes na área cultivada, especialmente com a redução da área em Rondônia. O aumento de produtividade registrado em Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso, apesar da redução no Rio Grande do Norte, não foram suficientes para compensar a diminuição da área e a consequente redução da produção. Assim, a produção de algodão em pluma está estimada em 4.059,8 mil toneladas, volume 0,5% inferior ao obtido na safra passada.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: o mês foi marcado por oscilações térmicas e pela ocorrência de chuvas entre maio e junho, condição atípica para o período, que favoreceu o desenvolvimento das lavouras e a formação de maçãs. Contudo, a continuidade das precipitações tem sido acompanhada com atenção pelos produtores, em razão do início da colheita.

As chuvas favoreceram a retenção e o desenvolvimento das estruturas reprodutivas, inclusive no terço superior das plantas, sustentando elevadas expectativas de produtividade.

No aspecto fitossanitário, a maior umidade reduziu a pressão de pragas sugadoras, especialmente ácaros e pulgões. Em contrapartida, aumentou a atenção para doenças favorecidas por ambientes úmidos, como ramulose e ramulária, enquanto o complexo de lagartas, com destaque para *Spodoptera*, e o bicudo-do-algodoeiro permanecem como as principais pragas da cultura. Até o momento, não há relatos de impactos significativos sobre a produtividade ou a qualidade da fibra.

Bahia: em relação à safra passada, foi registrado aumento da área cultivada, resultado da expansão das lavouras irrigadas, em contraponto à retração das áreas de sequeiro. A redução do cultivo de sequeiro está associada ao maior risco climático e às menores cotações observadas no segundo semestre de 2025, enquanto a ampliação das áreas irrigadas reflete a recuperação recente dos preços no mercado internacional.

As condições climáticas ao longo do ciclo favoreceram o desenvolvimento vegetativo e reprodutivo das lavouras. A redução das precipitações e o predomínio de tempo firme durante o mês criaram condições favoráveis à maturação da cultura, sem registro de perdas por adversidades climáticas ou problemas fitossanitários.

As áreas de sequeiro encontram-se predominantemente em maturação e colheita, enquanto as áreas irrigadas permanecem em enchimento de maçãs, apresentando bom desenvolvimento.

A produtividade permanece com expectativa boa, sustentada pelo elevado nível tecnológico empregado nas lavouras, incluindo materiais genéticos adaptados, manejo nutricional e fitossanitário adequados e boas condições de condução da cultura. Com o avanço da colheita, os resultados poderão ser consolidados nos próximos levantamentos.

Piauí: nesta safra, as condições climáticas foram novamente favoráveis, contribuindo para a adequada implantação e o bom desenvolvimento das lavouras. Confirma-se aumento da área cultivada em relação à estimativa inicial, assim como a perspectiva de maior produtividade, sustentada pelo bom desempenho das lavouras e pela ampliação das áreas irrigadas.

A colheita já foi iniciada, e alcança pequena parcela da área cultivada, enquanto a maior parte das lavouras permanece em maturação, com abertura de capulhos.



Foto 1 - Algodão - Maturação - Uruçuí - PI

Fonte: Conab.

Minas Gerais: as lavouras de algodão apresentaram bom desenvolvimento ao longo da safra, favorecidas pelas chuvas satisfatórias desde dezembro e pela maior participação de áreas irrigadas, fator que sustenta a expectativa de incremento da produtividade em relação aos levantamentos anteriores.

A colheita foi iniciada e deverá ganhar ritmo nas próximas semanas, impulsionada pelo elevado número de áreas já dessecadas e aptas às operações de campo. Em razão do atraso na colheita da soja, o plantio do algodão irrigado ocorreu em uma janela mais ampla, resultando em parte das

lavouras em estádios mais tardios. Nessas áreas, o manejo com reguladores de crescimento foi amplamente adotado para limitar o desenvolvimento vegetativo e favorecer o enchimento das maçãs.

Em relação à qualidade da fibra, a expectativa permanece positiva, favorecida pelas condições secas durante a abertura dos capulhos.

Mato Grosso do Sul: na região Centro, as chuvas regulares mantiveram condições favoráveis ao desenvolvimento das lavouras, sem riscos de perdas significativas. Nos Chapadões, o retorno das precipitações restabeleceu a umidade do solo, beneficiando, principalmente, os cultivos mais tardios. Já nas regiões Norte e Nordeste, as condições climáticas favorecem o desfolhamento das áreas mais adiantadas, com início da colheita previsto para após o primeiro decêndio de julho.

As lavouras apresentam boas condições e aumentam o potencial produtivo. No aspecto fitossanitário, o bicudo-do-algodoeiro permanece como principal alvo de monitoramento devido ao potencial de danos às maçãs. Além disso, o clima mais seco favoreceu o aumento da população de pulgões, exigindo intervenções de controle para evitar prejuízos aos capulhos.

Goiás: a área cultivada foi mantida em relação ao levantamento anterior, contemplando tanto as lavouras de sequeiro quanto as irrigadas. A maior parte das áreas encontra-se em fase reprodutiva, enquanto a colheita foi iniciada pontualmente na região sul do estado.

No extremo-sul do estado, as lavouras apresentam, de modo geral, boas condições de desenvolvimento. Entretanto, as chuvas registradas no último decêndio do junho atingiram parte das áreas já desfolhadas e próximas da colheita, ocasionando redução da qualidade visual da pluma, em razão da

perda de reflectância. Até o momento, não foram observados impactos sobre a produtividade, uma vez que não houve queda significativa de maçãs.

Nas lavouras de sequeiro, a disponibilidade hídrica foi suficiente para o adequado desenvolvimento da cultura até o final do ciclo. Já as áreas irrigadas encontram-se predominantemente em formação de maçãs e abertura de capulhos.



Foto 2 - Algodão - Maturação - Cristalina - GO

Fonte: Conab.

Maranhão: o cultivo da primeira safra de algodão concentra-se nos municípios de Balsas, Tasso Fragoso e Alto Parnaíba, no sul do estado, com implantação realizada entre dezembro de 2025 e janeiro de 2026. Em junho de 2026, a colheita foi iniciada de forma gradual, alcançando pequena parcela da área cultivada até o final do mês. Em relação à safra anterior, a primeira safra apresenta aumento da área e da produção, impulsionado pela substituição de áreas anteriormente ocupadas pela soja em decorrência do atraso das chuvas no início do período de plantio.

As áreas ainda não colhidas encontram-se em maturação, com abertura de capulhos, adequada formação das estruturas reprodutivas, elevado pegamento de maçãs e boas condições fitossanitárias. Nesta fase, intensificam-se as operações de desfolha, prática que uniformiza a maturação, reduz impurezas na pluma e favorece a eficiência da colheita e a qualidade da fibra. O monitoramento fitossanitário permanece constante, com atenção para a mosca-branca, pulgão-do-algodoeiro, bicudo-do-algodoeiro e lagartas do complexo Spodoptera, porém todas as ocorrências encontram-se sob controle.

A segunda safra foi implantada entre o final de janeiro e o início de fevereiro de 2026, após a colheita das primeiras áreas de soja em Balsas e Tasso Fragoso. As lavouras encontram-se entre a fase final de enchimento de maçãs e a maturação, apresentando desenvolvimento compatível com a janela de semeadura mais tardia.

Entretanto, a deficiência hídrica observada entre o final de abril e maio provocou estresse em parte das áreas, cenário que será confirmado com o avanço da colheita, prevista para iniciar a partir de julho.

Em comparação à safra anterior, a segunda safra apresenta redução de área e de produção, reflexo da limitação da janela de semeadura ocasionada pelo atraso no plantio da soja.

Considerando conjuntamente a primeira e a segunda safra, a área total cultivada com algodão no estado apresenta redução em relação à safra anterior, assim como a produtividade e a produção previstas.

Tocantins: na primeira safra, a redução das chuvas em junho, especialmente nas regiões norte e nordeste do estado, favoreceu a conclusão das fases

finais da cultura. No município de Dianópolis, as lavouras encontram-se em maturação, com a operação de dessecação prevista para o final de junho.

Na segunda safra, o predomínio de tempo seco também favorece a maturação das lavouras e a realização das operações de dessecação, contribuindo para a preservação da qualidade da fibra. No município de Nova Rosalândia, a maior parte das áreas encontra-se em maturação, com a colheita prevista para iniciar em julho.

São Paulo: na região sudoeste do estado, a colheita do algodão encontra-se em estágio avançado, com grande parte da área já colhida e mais da metade da produção beneficiada. A produtividade da pluma mantém-se estável, refletindo as boas condições observadas ao longo do ciclo e o adequado manejo das lavouras.

Rondônia: em junho, as condições climáticas consolidaram a transição para o período seco, com predomínio de tempo estável e redução das precipitações. Esse cenário favoreceu a maturação das lavouras, a abertura uniforme dos capulhos e reduziu os riscos de perdas por excesso de umidade, contribuindo para a qualidade da pluma e para o planejamento das operações de colheita.

As lavouras encontram-se, predominantemente, entre as fases de enchimento final de maçãs e maturação dos capulhos, com predomínio de áreas em maturação e o restante em enchimento de maçãs, refletindo o bom avanço do ciclo e das condições favoráveis observadas ao longo do mês. Há redução de área em relação ao levantamento anterior, por ocasião da substituição pela cultura de milho.

Ceará: na pré-estação chuvosa, em janeiro, as precipitações ficaram abaixo do esperado, desestimulando parte dos produtores. Entretanto, nos meses seguintes, o regime de chuvas se regularizou, com volumes próximos da média

histórica e distribuição mais uniforme ao longo do período, apresentando desempenho superior ao observado na safra anterior.

Esse comportamento climático pode resultar em dois efeitos distintos, a redução da área cultivada em algumas regiões, em virtude das incertezas geradas no início da safra, e o aumento da produtividade em relação ao ciclo anterior, favorecido pelas melhores condições hídricas durante o desenvolvimento da cultura.

A colheita foi iniciada em algumas localidades, embora a comercialização da produção ainda não tenha começado.

Paraná: a cultura encontra-se com a colheita totalmente concluída, concentrada em abril e maio, período em que as condições climáticas favoreceram a retirada das lavouras do campo antes da ocorrência de temperaturas mais baixas e geadas. A produtividade média foi superior à registrada na safra anterior, mantendo-se a área cultivada em patamar semelhante.

As condições climáticas ao longo do ciclo permitiram a consolidação da produção. Entretanto, as chuvas registradas durante a fase final da colheita, especialmente na região norte, onde se concentra a produção comercial do estado, comprometeram a qualidade da fibra, sem impactos relevantes sobre o rendimento das lavouras.

Rio Grande do Norte: a cultura do algodão apresenta perspectiva de redução para a safra 2025/26, com expectativa de queda de produtividade em relação à safra passada e o levantamento anterior.

Pará: a janela de plantio foi conduzida de forma a aproveitar o final do período chuvoso e permitir a colheita durante a estiagem. As chuvas regulares no

início do ciclo favoreceram o estabelecimento e o desenvolvimento das lavouras, enquanto o período subsequente de tempo seco contribuiu para a maturação, a abertura dos capulhos e a preservação da qualidade da pluma.

Atualmente, as lavouras encontram-se em final de maturação, com expectativa favorável de produtividade e colheita prevista para as próximas semanas. A ausência de chuvas na fase final do ciclo favoreceu a qualidade da fibra, reduzindo a ocorrência de impurezas e contribuindo para a obtenção de uma pluma com boa resistência.

Embora a área cultivada seja inferior à observada nos principais polos produtores do Cerrado, o estado apresenta expectativa de produzir pluma de elevada qualidade. A proximidade dos portos de Miritituba e Barcarena representa importante vantagem logística, reduzindo os custos de transporte e aumentando a competitividade do algodão paraense. A safra 2025/26 consolida mais um ciclo de fortalecimento técnico da cultura no estado, resultando em uma produtividade estimada superior à da safra passada.

Paraíba: o outono paraibano foi marcado por temperaturas elevadas e precipitações entre a média e acima da média histórica nas regiões da Mata e do Agreste. No Sertão, os volumes de chuva permaneceram mais baixos, porém dentro da normalidade para o período.

Apenas parte da intenção de plantio foi efetivada, com predominância de lavouras em desenvolvimento vegetativo. De maneira geral, a condição das áreas varia de boa a regular.

Tanto no Litoral quanto no Sertão, os produtores cultivam algodão em regime de integração com beneficiadoras, que fornecem sementes, assistência técnica, certificação orgânica e garantia de comercialização,

enquanto os agricultores contribuem com a área de cultivo e a mão de obra, predominantemente familiar.

QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						

UF	Mesorregiões	Produção* %	Algodão - Safra 2025/2026											
			NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	
RO	Leste Rondoniense	0,48			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	C		
TO	Oriental do Tocantins	0,29		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C		
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	1,57		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Sul Maranhense - 2ª Safra				S	S/E/DV	DV/F	F	FM	FM/M	M/C	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense	1,21		S/E	E/DV	DV	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	M/C	C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano	17,16	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/FM	DV/FM	DV/F/FM	FM/M	FM/M/C	FM/M/C	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra	52,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M	C	C		
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra	6,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M	C	C		
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra	0,95		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M	C	C		
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra	0,81		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M	C	C		
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra	11,90		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M	C	C		
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	MS	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra	1,53		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	FM/M	M	C	C	
		Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	
GO	Leste Goiano - 1ª Safra	0,59	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/FM	F/FM	FM	FM/M	M	C	C		
	Leste Goiano - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 1ª Safra	1,06		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Sul Goiano - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C	
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	0,64	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Noroeste de Minas - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	0,61		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FM)=formação de maçãs; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

O décimo levantamento, da safra 2025/26, realizado pela Conab, indica que a produção brasileira de algodão em pluma será bastante semelhante à do ano anterior em termos de volume. Verifica-se uma redução de 3,2% na área plantada em comparação com a safra anterior. A produção prevista é de 4,06 milhões de toneladas, em face das 4,08 milhões de toneladas da safra de 2024/25, o que representa uma diferença de 0,5%. Esse resultado decorre de um aumento da produtividade média, estimado em 2,8%.

O algodão brasileiro tem conquistado uma parcela significativa do mercado internacional, em virtude de seu preço competitivo e da qualidade de sua fibra. Para a safra atual, projeta-se um crescimento de aproximadamente 12% das exportações de algodão em pluma. O volume esperado a ser atingido é de 3,39 milhões de toneladas. Em junho passado, foi registrado um volume recorde de exportação para o mês, com 217 mil toneladas. O acumulado no primeiro semestre deste ano é de 1,8 milhão de toneladas.

O país deverá apresentar crescimento de 0,71% no consumo de algodão em pluma, podendo atingir 735 mil toneladas.

O aumento do volume de exportações e de consumo, diante de uma safra ligeiramente menor que a anterior, deverá fazer com que os estoques de algodão caiam de 2,74 milhões de toneladas para 2,68 milhões de toneladas ao final de 2026, o que representa uma redução de 2,16%.

TABELA 4 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA -EM MIL T

SAFRA		ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2019/20		1.427,3	3.001,6	2,2	4.431,1	690,0	2.125,4	1.615,7
2020/21		1.615,7	2.359,0	4,6	3.979,3	720,0	2.016,6	1.242,7
2021/22		1.242,7	2.554,1	2,3	3.799,1	675,0	1.803,7	1.320,4
2022/23		1.320,4	3.173,3	1,7	4.495,4	710,0	1.618,2	2.167,2
2023/24		2.167,2	3.701,1	1,1	5.869,4	695,0	2.774,3	2.400,1
2024/25		2.400,1	4.081,5	0,8	6.482,4	720,0	3.026,0	2.736,4
2025/26	jun/26	2.736,4	3.978,4	1,0	6.715,8	735,0	3.225,0	2.755,8
	jul/26	2.736,4	4.059,8	1,0	6.797,2	735,0	3.385,0	2.677,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2026.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de algodão, [clique aqui](#).



ARROZ

ÁREA

1.520 mil ha

- 13,8%

PRODUTIVIDADE

7.295 kg/ha

+ 0,9%

PRODUÇÃO

11.088,2 mil t

-13,1%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 5 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ARROZ

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19		1.702,5	6.158	10.483,6
2019/20		1.665,8	6.713	11.183,4
2020/21		1.679,2	7.007	11.766,4
2021/22		1.617,3	6.666	10.780,5
2022/23		1.479,6	6.780	10.031,8
2023/24		1.606,6	6.583	10.577,0
2024/25		1.763,9	7.233	12.757,7
2025/26	Jun./26	1.517,9	7.299	11.079,0
	Jul./26	1.520,0	7.295	11.088,2

Nota: *variação (percentual) em relação à safra passada.

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

A safra 2025/26 de arroz está tecnicamente com a colheita concluída nas áreas de maior produção no país, como no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Tocantins e Mato Grosso, que no final de maio já estavam com a colheita finalizada. Confirma-se a estimativa da redução das áreas implantadas nesta safra em comparação com o ciclo anterior. O desenvolvimento das lavouras em campo foi satisfatório, de uma forma geral, resultando em boas produtividades.

A estimativa se confirma na redução da área de produção, comparando-se com a safra anterior, tanto no cultivo do arroz de sequeiro quanto sob irrigação, sendo a área de arroz irrigado estimada em 1.264,5 mil hectares, enquanto que o arroz de sequeiro a estimativa apontou para uma área cultivada de 255,5 mil hectares.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: a safra de arroz irrigado no ciclo 2025/26 contou com uma área cultivada de 905,2 mil hectares. A colheita foi finalizada ainda em maio. Em termos de produtividade, a safra é considerada satisfatória e dentro da normalidade, registrando uma média estadual de 8.641 kg/ha.

As condições climáticas foram ideais durante todo o ciclo de desenvolvimento da cultura, favorecendo bons índices produtivos, além da ausência de registros de amplitudes térmicas extremas. Os resultados desse cenário foram observados na qualidade dos grãos colhidos, que se destacam pelo alto rendimento de grãos inteiros e pela baixa incidência de defeitos. Com a colheita encerrada, as áreas têm se concentrado nas operações de manejo de pós-colheita, como na sistematização dos quadros e no revolvimento do solo para a incorporação da palhada, prática essencial na aceleração da decomposição.

Santa Catarina: a cultura do arroz irrigado encontra-se com a colheita totalmente concluída. Os resultados produtivos permaneceram satisfatórios, com boa qualidade dos grãos e produtividade dentro do esperado. As condições durante a colheita foram favoráveis, no geral, permitindo bom avanço das operações e contribuindo para a qualidade final da produção.

Tocantins: nas áreas com arroz irrigado (primeira safra), a colheita foi finalizada, permitindo o rápido preparo de solo e a semeadura das culturas

de segunda safra nas várzeas irrigadas. No cultivo irrigado (segunda safra), as lavouras estão com bom desenvolvimento e encontram-se no estágio de maturação fisiológica. Para o arroz de sequeiro (primeira safra), a colheita foi finalizada, visto que nas áreas com plantio tardio, especialmente aquelas semeadas em fevereiro, os rendimentos foram inferiores devido à redução das chuvas durante a fase de enchimento dos grãos.

Maranhão: a área cultivada com arroz de sequeiro foi estimada em 61 mil hectares, com redução, em comparação ao levantamento anterior, devido ajustes na área de produção no sul do estado.

A produtividade também foi estimada com redução, devido à diminuição de área de cultivo com uso de alta tecnologia, além da ocorrência de fatores climáticos adversos, como falta de chuvas no plantio, entre dezembro de 2025 e janeiro de 2026, e alta umidade no período da colheita. Para o cultivo de arroz irrigado, o plantio ocorreu na última semana de junho de 2025 e foi finalizado em dezembro de 2025, correspondendo a aproximadamente 6% da área de produção de arroz total. A colheita do arroz irrigado foi realizada entre outubro de 2025 e janeiro de 2026, confirmando então a redução de área plantada nesta safra. Já o plantio do arroz de sequeiro ocorreu entre dezembro de 2025 e meados de fevereiro de 2026, enquanto a colheita foi iniciada em abril de 2026 e finalizada em todas as regiões do estado.

Houve incidência de brusone, doença fúngica, em razão da alta umidade, gerando redução da produtividade de algumas áreas. A área de plantio apresentou retração em todas as regiões produtoras, em diferentes proporções, devido, principalmente, aos preços do produto no mercado, ocorrendo substituição para outras culturas, como soja e milho. Na região sul do estado, áreas tradicionais de arroz foram abandonadas devido à falta de chuvas.

Piauí: para o cultivo do arroz irrigado, o período de plantio no estado inicia em maio e já foi concluída, com as lavouras estando, atualmente, em desenvolvimento vegetativo. A estimativa é de uma área similar à da safra anterior, mas com pequena redução.

Já o cultivo em sequeiro ocorre, geralmente, nas áreas da agricultura familiar e com maior frequência na região semiárida do estado, porém tem-se observado a implantação da cultura também na região norte em aberturas de áreas para cultivo de soja. Nesta safra confirma-se a redução de área do cultivo de sequeiro em 9,3% ao se comparar com a safra anterior. A colheita está finalizada, registrando um aumento de produtividade de 6,8%, atribuído ao bom desenvolvimento das lavouras no sudoeste, centro-norte e norte do estado.

Rondônia: houve a redução das chuvas e predomínio de dias ensolarados, com temperaturas dentro dos padrões normais para a época. As temperaturas permaneceram adequadas para o desenvolvimento do arroz de sequeiro de segunda safra, favorável para as plantas e contribuindo para a qualidade dos grãos, assim como para a redução de problemas fitossanitários, enquanto as áreas mais tardias dependeram da umidade residual do solo para manter o bom desenvolvimento das lavouras, com boa parte das áreas avançando para as fases reprodutivas finais.

Atualmente, as lavouras se apresentam com 1,2% em fase de enchimento de grãos e formação das espiguetas, enquanto que nas áreas de plantio mais tardios, 45,5% em maturação de grãos e 53,3% já devidamente colhidas.

Goiás: a colheita foi concluída. A produtividade média do arroz de sequeiro foi estimada em 2.400 kg/ha, levemente impactada pela distribuição irregular das chuvas ao longo do ciclo das lavouras. Por outro lado, o arroz irrigado demonstrou maior eficiência sobre as condições de cultivo. As

doenças foram manejadas de forma eficiente, principalmente porque o manejo adequado manteve a umidade num patamar que desfavoreceu o surgimento de doenças fúngicas, apesar da ocorrência pontual em algumas áreas.

No geral, as áreas colhidas apresentaram boas médias de produtividade. O regime de chuvas e temperaturas, de modo geral, contribuíram para o desenvolvimento da cultura, enquanto que temperaturas elevadas impediram produtividades melhores nas áreas de tabuleiros.

Pará: no cultivo do arroz de sequeiro de primeira safra, a maior parte das regiões já encerrou a colheita, no entanto, ainda há a operação nas regiões de Cachoeira do Arari e Salvaterra no Marajó, além de Viseu, no nordeste do estado, com lavouras em enchimento de grãos e maturação final dos grãos.

Nas áreas de lavouras irrigadas, a colheita já foi encerrada, apresentando boas condições em campo, apesar da alta nebulosidade durante longos períodos de chuva ainda durante a semeadura, porém sem relatos de problemas fitossanitários, como a brusone.

Minas Gerais: houve ajuste de área significativo, maior que a estimativa inicial no plantio, advindo das áreas cultivadas no noroeste do estado, inclusive com lavouras ainda a serem colhidas em poucas áreas restantes do total cultivado nesta safra.

Paraíba: no cultivo do arroz de sequeiro primeira safra, no outono paraibano tem ocorrido temperaturas elevadas e chuvas entre normal e acima da média histórica, sobretudo nas regiões da mata e agreste do estado. Quanto às chuvas, a tendência é de precipitações com distribuição variável ao longo da estação, com volumes concentrados em curtos períodos, como o ocorrido na primeira quinzena de maio.

As condições em campo estão entre boas e regulares, com mais de 60% da intenção de plantio efetivada, estando a maioria das lavouras em fase de enchimento de grãos e maturação, com algumas áreas em florescimento e poucas áreas ainda em operação de colheita.

Amazonas: para o cultivo do arroz de sequeiro, as chuvas foram consideradas abaixo da média para esse período. A tendência de vazante e temperaturas acima da média no sul do Amazonas pode ter contribuído para limitar o desempenho produtivo.

Ceará: nas áreas do arroz irrigado segunda safra, a cultura se desenvolve sem limitações significativas, enquanto que as chuvas e as reservas dos açudes estão em bons níveis para a manutenção da cultura em campo.

QUADRO 2 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						

UF	Mesorregiões	Produção* %	Arroz - Safra 2025/26										
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
RR**	Norte de Roraima	0,67				S/E	DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
RO	Leste Rondoniense	0,86			S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
PA	Marajó**	0,68	S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C						
TO**	Ocidental do Tocantins	7,17			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense	3,57			PS	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
MG**	Noroeste de Minas	0,79		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
PR**	Noroeste Paranaense	1,09		S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C	C
SC**	Norte Catarinense	1,38	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Vale do Itajaí	1,93	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		
	Sul Catarinense	7,00		S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	5,15		S/E	S/E/DV	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense	3,19		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Metropolitana de Porto Alegre	15,11		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Rio-grandense	28,65		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Sudeste Rio-grandense	14,64		S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita. (**) =total ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

A Conab reduz a estimativa da produção de arroz da safra 2025/26, agora projetada em 11,1 milhões de toneladas. Esse volume representa uma redução de 13,1% em comparação com a safra anterior (2024/25), estimada em 12,76 milhões de toneladas. A queda é atribuída à expectativa de diminuição de área plantada da cultura no ciclo em curso.

Esse cenário é reflexo da retração nos preços pagos ao produtor, que tem impactado na rentabilidade do setor. Assim, há uma tendência clara de redução na área cultivada nos principais estados produtores.

Quanto ao mercado externo, na safra 2024/25 identificou-se um aumento nas exportações brasileiras, que atingiram 1,9 milhão de toneladas. Esse crescimento é impulsionado pelos preços internos baixos e pela oferta nacional excedente. Para a safra seguinte (2025/26), com a continuidade da ampla oferta no mercado interno, as exportações devem crescer ainda mais, podendo chegar a 2,1 milhões de toneladas.

As importações devem permanecer próximas da estabilidade, com um volume identificado de 1,3 milhão de toneladas na safra 2024/25 e, projetado, na safra 2025/26, no mesmo montante. O consumo interno está estimado em 10,5 milhões de toneladas na safra 2024/25, praticamente inalterado em relação à safra anterior, comportamento refletido na evolução dos parâmetros de comercialização do Rio Grande do Sul, principal estado produtor. Para a safra 2025/26, a expectativa de manutenção de preços atrativos ao consumidor no varejo e a intensificação de campanhas de promoção do consumo interno deverão resultar em leve expansão da demanda nacional, com consumo projetado em 10,8 milhões de toneladas.

Dessa forma, espera-se um aumento nos estoques de passagem ao final da safra 2024/25 (fevereiro de 2026), alcançando 2,2 milhões de toneladas devido ao excedente de oferta no período. Para 2025/26, a tendência é de queda nos estoques (fevereiro de 2027), com projeção de 1,7 milhão de toneladas.

TABELA 6 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA - EM MIL T

SAFRA		ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2019/20		187,6	11.183,4	1.351,1	12.722,1	10.205,7	1.762,4	754,0
2020/21		754,0	11.766,4	895,1	13.415,5	10.802,1	1.311,1	1.302,3
2021/22		1.302,3	10.780,5	1.337,3	13.420,1	10.506,4	2.067,1	846,6
2022/23		846,6	10.031,8	1.550,3	12.428,7	10.324,1	1.696,7	407,9
2023/24		407,9	10.577,0	1.421,5	12.406,4	10.547,4	1.362,2	496,8
2024/25		496,8	12.757,7	1.317,7	14.572,0	10.500,0	1.883,8	2.188,2
2025/26	jun/26	2.188,2	11.079,0	1.300,0	14.567,2	10.800,0	2.100,0	1.667,2
	jul/26	2.188,2	11.088,2	1.300,0	14.576,4	10.800,0	2.100,0	1.676,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/26.

Para mais informações sobre o progresso da safra de arroz, [clique aqui](#).

**FEIJÃO****ÁREA**

2.542,8 mil ha

-5,6%**PRODUTIVIDADE**

1.186 kg/ha

+4,4%**PRODUÇÃO**

3.016,5 mil t

-1,4%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

A cultura tem ampla importância na agricultura nacional, especialmente pela sua relevância na alimentação humana e, em particular, no hábito alimentar dos brasileiros. Seu alto valor nutricional e o seu “casamento perfeito” com o arroz fazem da cultura uma das graníferas mais abrangentes pelo país, tendo produção nas cinco regiões e praticamente em todos os estados, considerando-se, neste contexto, os três grandes grupos acompanhados pela Companhia: feijão-comum cores, feijão-comum preto e feijão-caupi.

Além dos fatores alimentícios, a cultura tem seu apelo agrônomo, principalmente pelo seu ciclo fenológico mais curto, que possibilita ao produtor ajustar melhor o plantio dentro de uma janela reduzida, sem a necessidade de abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra. Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio, favorecendo assim uma oferta constante do produto ao longo do ano. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra, semeado entre agosto e dezembro, o de segunda safra, cultivado entre janeiro e abril, e o de terceira safra, semeado de maio a julho.

FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA 2024/25

TABELA 7 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20		914,5	1.209	1.105,6
2020/21		909,2	1.074	976,4
2021/22		909,3	1.036	941,8
2022/23		857,3	1.116	956,7
2023/24		861,1	1.094	942,3
2024/25		908,5	1.170	1.062,7
2025/26	Jun/26	794,5	1.228	976,0
	Jul/26	793,0	1.226	971,9

Fonte: Conab.

A colheita do feijão primeira safra está finalizada.

QUADRO 3 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva
	Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva
	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Falta de Chuva
	Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão primeira safra - Safra 2025/26									
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
PI	Norte Piauiense	0,77						S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Centro-Norte Piauiense	0,96						S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Sudoeste Piauiense	2,36					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sudeste Piauiense	2,28						S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
PE	Agreste Pernambucano	0,75		S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M/C	M/C				
BA	Extremo Oeste Baiano **	11,68			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia	0,89				S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Centro Norte Baiano	0,71				S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Centro Sul Baiano	2,58				S/E	S/E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
MT	Norte Mato-grossense	0,69			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		
GO	Leste Goiano	5,75			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Sul Goiano	4,31			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	C			
	Norte Goiano	2,30			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C			
DF	Distrito Federal	2,44			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			

Continua

Legenda - Condição hídrica

Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão primeira safra - Safra 2025/26									
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
MG	Noroeste de Minas	5,83			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	C			
	Norte de Minas	1,08				S/E	S/E/DV	F/EG	M/C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	3,41			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Metropolitana de Belo Horizonte	0,66			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Oeste de Minas	0,89			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Sul/Sudoeste de Minas	3,08			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Campo das Vertentes	2,56			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
SP	Zona da Mata	1,39			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Itapetininga**	0,85	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C					
	Norte Pioneiro Paranaense	1,41		S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C				
PR	Centro Oriental Paranaense	4,12		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Oeste Paranaense	1,37		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Sudoeste Paranaense	1,41		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Centro-Sul Paranaense	4,39		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Sudeste Paranaense	8,59		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
SC	Metropolitana de Curitiba	2,23		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Oeste Catarinense	1,99		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	EG/M/C		
	Norte Catarinense	1,43		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C		
	Serrana	2,04		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C		
RS	Noroeste Rio-grandense	1,06		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C				
	Nordeste Rio-grandense	2,80		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (**) todo ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

FEIJÃO SEGUNDA SAFRA 2025/26

TABELA 8 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20		1.423,0	875	1.244,7
2020/21		1.446,4	787	1.137,8
2021/22		1.419,1	945	1.341,1
2022/23		1.326,2	962	1.275,8
2023/24		1.528,2	990	1.512,2
2024/25		1.400,1	953	1.333,6
2025/26	Jun/26	1.337,4	1.012	1.354,1
	Jul/26	1.364,6	990	1.351,4

Fonte: Conab.

O ciclo está em suas fases mais agudas, na maioria das regiões produtoras, com muitas áreas já em estágio avançado de colheita, especialmente na Região Sul.

Algumas intempéries climáticas registradas nas últimas semanas, como frentes frias na Região Sul e Sudeste, que trouxeram chuvas e redução na temperatura, até mesmo com episódios de geadas em algumas localidades, acabaram por impactar nas lavouras de feijão, reduzindo o potencial produtivo em algumas áreas. No Nordeste, as chuvas estiveram mais escassas no último mês, mas com um início de ciclo de pluviosidade maior e de melhor distribuição, assim, as perdas pela atual escassez acabam por ser menores.

No geral, a estimativa ainda é de um resultado superior nessa segunda safra de feijão, se comparada à produção obtida na temporada 2024/25.

FEIJÃO-COMUM CORES

Paraná: o ciclo está em fase final, com a colheita chegando na iminência de conclusão nas diferentes regiões produtoras do estado.

De maneira geral, embora a cultura tenha apresentado um bom desenvolvimento inicial, as condições climáticas passaram a ser desfavoráveis às lavouras quando elas ingressaram nos estádios reprodutivos, registrando períodos de estiagem e temperaturas elevadas durante março e abril, além de episódios de geadas ocorridas no início de maio e que também atingiram as lavouras em fases sensíveis, principalmente durante a etapa de enchimento de grãos, contribuindo para perdas localizadas.

Já na reta final do ciclo, o retorno das chuvas e a elevada umidade dificultaram o avanço da colheita em algumas localidades, mantendo os grãos mais expostos a perdas de qualidade.

Assim, o potencial produtivo e de qualidade da cultura foram reduzidos, embora a média de produtividade ainda deverá ser superior à safra 2024/25, que foi uma temporada marcada por grandes dificuldades climáticas e problemas no calendário de plantio e colheita da leguminosa.

Vale pontuar que nesse ciclo houve diminuição de área plantada em comparação ao ano passado, especialmente por questões de mercado, pelo custo de oportunidade de optar por outros cultivos ou pelo estrangulamento da janela ideal de plantio em razão do atraso na colheita das lavouras de primeiro ciclo que antecedem tal cultivo.

Minas Gerais: a colheita avançou, alcançando quase metade da área total ao final de junho. Apesar do clima mais seco, especialmente em maio, houve precipitações, ainda que esparsas, nas fases mais críticas do ciclo, e isso permitiu que as lavouras se desenvolvessem e demonstrassem bom potencial produtivo.

Além disso, houve menor pressão de pragas sobre a cultura em comparação com a temporada passada, o que corroborou para um melhor desempenho das lavouras em termos de produtividade em relação a 2024/25.

Vale pontuar o quesito de qualidade dos grãos, que no último mês, em virtude das chuvas extemporâneas, acabou por reduzir pontualmente a qualidade de alguns lotes e também atrasou a evolução da colheita em algumas regiões do estado.

Mato Grosso: a colheita foi concluída no início de junho e confirmou as expectativas de uma boa produtividade média, similar a 2024/25, embora a área total semeada tenha sido inferior ao ciclo passado, com uma grande concorrência com outros cultivos, como milho e sorgo.

Bahia: as lavouras apresentam bom desenvolvimento, com áreas entre as fases de floração e enchimento de grãos.

A irrigação suplementar auxilia nesse desenvolvimento da cultura, porém a disponibilidade hídrica é fundamental para manter os reservatórios em nível adequado e para preservar o potencial das lavouras e evitar perdas por estresses associados às altas temperaturas, comuns no período.

Mato Grosso do Sul: as lavouras apresentam evolução satisfatória, beneficiada por boa disponibilidade hídrica no solo e temperaturas consideradas regulares. No entanto, o clima úmido e encoberto, associado à utilização de sementes salvas pelo produtor, favoreceu a incidência de casos de bacteriose e já traz impactos negativos pontuais no potencial produtivo e na qualidade de alguns lotes de grãos na principal região produtora da leguminosa.

Contudo, no sul do estado, a dessecação dos primeiros talhões está em curso, com expectativa de bom potencial produtivo na região. Isso deve manter a estimativa de produtividade média no estado superior ao resultado do ano passado.

Paraíba: o calendário de plantio no estado é bastante amplo, o que leva à alta heterogeneidade dos estádios da cultura entre as diferentes regiões produtoras. Nesse sentido, ainda há lavouras sendo implantadas e outras já colhidas. No geral, a cultura no campo tem apresentado condições entre

boas e regulares, com registros de danos pontuais por ataques de pragas, como pulgão e lagartas.

Pernambuco: o cultivo, que se concentra na mesorregião do Sertão Pernambucano, foi concluído no último mês e se constatou uma redução na área plantada em comparação com o ano passado, por conta de substituição de cultivos, como a produção de mandioca.

A regularidade das chuvas favoreceu as fases fenológicas iniciais, mas a recente restrição hídrica vem impactando o desenvolvimento reprodutivo da cultura, podendo limitar um potencial produtivo ainda maior, já que a perspectiva é de uma produtividade média superior ao visualizado no ano passado, que foi uma safra com maiores intercorrências climáticas.

As lavouras encontram-se entre as fases de maturação e colheita.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Paraná: o ciclo está em fase final, com a colheita chegando na iminência de conclusão nas diferentes regiões produtoras do estado.

Assim como no feijão cores, a cultura apresentou bom desenvolvimento inicial, com ótimas condições gerais para a evolução vegetativa das lavouras. Contudo, a partir da fase reprodutiva, os fatores climatológicos passaram a ser desfavoráveis, com registros de estiagem e temperaturas elevadas durante março e abril, além de episódios de geadas ocorridas no início de maio e que também atingiram as lavouras em fases sensíveis, principalmente durante a etapa de enchimento de grãos, contribuindo para perdas localizadas. Ainda na reta final do ciclo, o retorno das chuvas e a elevada umidade dificultaram

o avanço da colheita em algumas localidades, mantendo os grãos mais expostos a perdas de qualidade.

Como o feijão-preto tem uma maior distribuição de área ao longo das diferentes regiões do estado, em comparação ao feijão cores, as perdas de potencial produtivo e de qualidade ocasionadas por essas adversidades climáticas acabaram por ser mais sentidas no feijão- preto, com estimativa de redução na produtividade média, tanto em relação ao levantamento passado como também em comparação à safra 2024/25.

Além disso, houve diminuição de área plantada em relação ao ano passado. No geral, isso deverá gerar um resultado inferior ao quantitativo obtido na temporada anterior.

Santa Catarina: a colheita foi concluída no último decêndio de junho. No geral, as produtividades apresentaram elevada variabilidade entre as regiões, com grande diferença também entre as lavouras mais precoces e mais tardias, já que nesse fim de ciclo houve episódios de frio intenso, geadas e chuvas, o que não só reduziu o potencial produtivo como a qualidade de algumas dessas lavouras de plantio posterior.

Ainda assim, a média de produtividade ficou ligeiramente superior à temporada passada, embora neste ano o cultivo tenha experimentado redução na área plantada em comparação ao mesmo período.

Rio Grande do Sul: a colheita foi concluída ao final de junho.

A área plantada teve redução nesta safra em comparação ao ano passado, principalmente pelo preço recebido pelos produtores desde antes da semeadura.

Já em relação ao desempenho da cultura no ciclo, a safra nas lavouras de sequeiro, aproximadamente 80% da área cultivada, ficou marcada por dificuldades no período ideal de semeadura em razão da irregularidade das chuvas observadas em janeiro e fevereiro. As condições meteorológicas seguiram proporcionando condições de umidade insuficientes para o bom desenvolvimento vegetativo das plantas, refletindo em plantas com porte e vigor aquém do ideal. As chuvas voltaram a apresentar mais regularidade no período crítico da cultura, mas as perdas no potencial das lavouras já estavam consolidadas. Nas lavouras semeadas mais tardiamente, houve danos decorrentes das geadas observadas em maio e junho. Por fim, no período de colheita foram registradas algumas chuvas em dias consecutivos, condição que impactou a qualidade dos grãos.

Nas áreas irrigadas, perto de 20% da área cultivada, a condição das lavouras foi melhor. A irrigação permitiu boa disponibilidade hídrica nos momentos importantes do desenvolvimento vegetativo e da fase reprodutiva. As lavouras foram semeadas mais cedo e, assim, foram beneficiadas por melhores condições de luminosidade e temperatura durante o ciclo e não foram prejudicadas pelas geadas.

No geral, o rendimento acabou ficando abaixo do esperado, com média estadual ligeiramente inferior ao ano passado.

Minas Gerais: a colheita evoluiu e se aproxima da metade da área total. De maneira geral, os resultados quantitativos têm sido positivos, mesmo com as oscilações climáticas ao longo do ciclo, especialmente no aspecto pluviométrico, algo que acabou limitando um potencial produtivo ainda maior.

Com relação à qualidade dos grãos, as chuvas no último mês acabaram por impactar alguns lotes em certas regiões do estado, porém, na média, o produto colhido até aqui apresenta um bom padrão.

FEIJÃO-CAUPI

Ceará: a colheita tem avançado e até o fim de junho pouco mais de três quartos da área total havia sido colhida. Quanto às lavouras remanescentes, elas seguem em plena maturação, na iminência da sega.

Embora a safra tenha registrado redução na área plantada em relação a 2024/25, especialmente por conta do início de ciclo com condições climáticas desfavoráveis, o decorrer da temporada tem se mostrado diferente, com condições gerais que beneficiaram a cultura, principalmente no aspecto pluviométrico, e devem culminar em uma produtividade média bem superior ao ano anterior, que foi uma temporada de intempéries climáticas nas fases mais importantes do ciclo fenológico da cultura.

Bahia: as condições climáticas registraram redução significativa dos volumes pluviométricos, com predomínio de tempo firme ao longo do mês. Essa condição é esperada para o período e limita o potencial produtivo das lavouras em sequeiro implantadas mais tardiamente, porém esse cenário ajuda na maturação e colheita das lavouras mais precoces. Inclusive, cerca de um terço da área total já foi colhida.

Em relação às condições gerais das lavouras, elas apresentam desenvolvimento satisfatório, com áreas em diferentes fases fenológicas, incluindo floração, enchimento de grãos e colheita. O prolongamento do período chuvoso contribuiu para o estabelecimento das áreas em sequeiro

e favoreceu o potencial produtivo inicial, reduzindo os impactos de restrição hídrica durante as fases críticas do ciclo.

Entretanto, observa-se com atenção para as áreas mais tardias, especialmente aquelas conduzidas em regime de sequeiro, que poderão sofrer redução de potencial produtivo devido à transição para o período seco, aumento do deficit hídrico e comprometimento das fases de floração e enchimento de grãos. Nas áreas irrigadas, a disponibilidade hídrica permite maior estabilidade produtiva, embora o manejo adequado da irrigação continue sendo fundamental para preservar o potencial das lavouras e evitar perdas por estresses associados às altas temperaturas comuns no período.

Mato Grosso: a colheita atingiu aproximadamente 90% da área total ao final de junho.

Apesar do registro de deficit hídrico durante o início da fase de enchimento de grãos, a ocorrência de frente fria entre maio e junho trouxe precipitações que acabaram por favorecer a cultura na fase final do ciclo, beneficiando especialmente as lavouras mais tardias. Assim, o rendimento médio da cultura tem sido considerado satisfatório, com uma produtividade similar àquela alcançada no ano passado.

Além disso, o ciclo teve aumento na área plantada em relação a 2024/25, tanto por uma questão mercadológica como também por uma opção de manejo, visto que o atraso do calendário de plantio e colheita das culturas de primeira safra acabaram estrangulando a janela ideal de plantio das culturas de segundo ciclo, tornando o feijão uma alternativa interessante, por ter um ciclo produtivo mais curto se comparado a outras culturas usuais desse período, como milho e sorgo. Isso deve elevar consideravelmente a produção total do grão quando comparado ao resultado obtido na temporada anterior.

Tocantins: as lavouras irrigadas seguem em semeadura, com um calendário de plantio mais tardio em comparação com as áreas irrigadas. Mais de três quartos da área prevista foi semeada, e as lavouras implantadas seguem em bom desenvolvimento inicial. O sistema de cultivo em várzea, onde se concentra boa parte das áreas de feijão no estado, apresenta condições microclimáticas particulares. Neste período do ano, predominam temperaturas favoráveis ao desenvolvimento da cultura, associadas à ocorrência frequente de orvalho nas primeiras horas da manhã. Essa condição, somada à irrigação, contribui para a manutenção de um ambiente com elevada umidade relativa do ar.

Por outro lado, o prolongamento do período de molhamento foliar favorece a incidência de doenças foliares típicas da época, exigindo monitoramento constante e manejo adequado para preservar o potencial produtivo das lavouras. No geral, a maioria das lavouras já implantadas encontra-se em florescimento, porém uma pequena parte dos plantios que foram realizados de maneira mais tardia se encontram neste momento em estágio vegetativo. Já as lavouras mais precoces encontram-se em enchimento de grãos.

Quanto às lavouras em sequeiro, a colheita já foi iniciada e se encontra em estágio avançado, com mais de 50% das áreas já colhidas. De maneira geral, as primeiras áreas colhidas apresentaram produtividades dentro do esperado. No entanto, observa-se que, com o avanço da colheita, os rendimentos nas lavouras de plantio mais tardio vêm diminuindo, reflexo das condições climáticas mais desfavoráveis à cultura nessa reta final de ciclo, especialmente no quesito pluviométrico, com redução das chuvas, justamente nas fases fenológicas mais críticas para o desempenho da cultura, como na floração e no enchimento de grãos.

Assim, na média estadual, a cultura deve apresentar uma redução na produtividade em comparação com a safra passada, justamente por conta dessa queda de potencial produtivo nas lavouras de sequeiro mais tardias. Embora as áreas irrigadas, que apresentam até o momento bom desempenho, devam atenuar essa diminuição.

Há um fator positivo no ciclo com relação à estimativa de área plantada, que apresentou aumento em comparação a 2024/25 (incremento ocorrido nas áreas de sequeiro), principalmente por conta da elevação recente nos preços do grão, algo que estimulou os produtores, além do estrangulamento da janela ideal de semeadura de outras opções de cultivo na segunda safra, como o milho, em razão do atraso na colheita das lavouras antecedentes de primeira safra.

Maranhão: a semeadura foi finalizada, confirmando a expectativa inicial de redução em comparação a 2024/25, porém com um ajuste na estimativa em relação ao levantamento anterior, tornando a variação para safra passada menor do que a esperada.

Com a ampla janela de plantio da cultura no estado, há grande heterogeneidade na evolução das lavouras, visto que as áreas de semeadura mais precoces já estão em plena colheita, em especial no sul do estado, onde o avanço da sega tem sido intenso.

No geral, as lavouras em campo vêm apresentando bom desenvolvimento, com variação importante entre as fases fenológicas atuais, tendo áreas desde o estágio vegetativo até lavouras em plena maturação e pré-colheita, além das áreas já colhidas.

Piauí: quase metade da área total foi colhida até o final de junho. As lavouras remanescentes se encontram, majoritariamente, em maturação,

e apresentam condições favoráveis para a secagem dos grãos no estágio de pré-colheita.

Contudo, vale pontuar que o clima mais seco, que beneficia o avanço das operações de colheita e a maturação dos grãos, vêm ocorrendo há algumas semanas, e acabou por limitar o potencial produtivo de algumas lavouras, especialmente àquelas mais tardias. Assim, há estimativa de redução na produtividade média estadual em comparação ao resultado obtido na temporada passada.

Um fator atenuante é que nesse ciclo houve aumento na área plantada em comparação ao ano passado, com substituição especialmente em áreas de milho segunda safra. Isso deve permitir uma produção final satisfatória e até acima daquela alcançada em 2024/25.

Paraíba: com o início da estação chuvosa houve bom avanço da semeadura em algumas regiões do Sertão Paraibano, onde se concentra tal cultivo no estado.

O plantio é bem escalonado, cujas lavouras mais precoces já estão em plena colheita, outras áreas ainda estão em semeadura, restando cerca de 20% para conclusão das operações de cultivo.

As lavouras já implantadas apresentam condições entre boas e regulares, com registros de danos pontuais por ataque de pragas como pulgão e lagartas.

Vale pontuar que boa parte desse cultivo é realizado em consórcio com outras graníferas, especialmente o milho.

Pernambuco: o cultivo, que se concentra na mesorregião do Sertão Pernambucano, segue em evolução, encaminhando-se para as fases mais agudas do ciclo.

No geral, as lavouras tiveram um bom início vegetativo, porém as chuvas ficaram mais escassas durante as fases reprodutivas da cultura, e isso limitou o potencial produtivo. Ainda assim, as condições gerais são consideradas de boas a regulares, com maior reflexo redutor nas lavouras de plantio mais tardio, que atualmente estão em enchimento de grãos e maturação.

Goiás: a colheita avançou e estava praticamente concluída no estado. As chuvas mais esparsas e, em alguns casos, até ausentes auxiliaram aquelas áreas que estavam em fase de maturação e colheita. Porém, as lavouras mais tardias acabaram por sofrer com essa menor pluviosidade, reduzindo assim parte do potencial produtivo.

Com relação à estimativa de área, foi feito um ajuste por meio da identificação de novas áreas que não haviam sido captadas nos levantamentos anteriores.

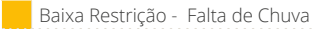
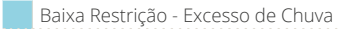
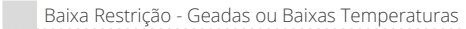
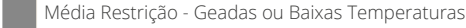
QUADRO 4 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Legenda - Condição hídrica									
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão segunda safra - Safra 2025/26						
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
TO	Ocidental do Tocantins	4,59			S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Oriental do Tocantins	0,41			S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
MA	Sul Maranhense	0,78			S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	

Continua

Legenda - Condição hídrica

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão segunda safra - Safra 2025/26						
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
CE	Noroeste Cearense	1,39		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Norte Cearense	1,33		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sertões Cearenses	1,50		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Jaguaribe	0,53		PS	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sul Cearense	0,85		PS	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
RN	Oeste Potiguar	0,49		PS	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
PB	Agreste Paraibano	0,52			S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C
PE	Sertão Pernambucano	1,28		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
MT	Norte Mato-grossense	7,12		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	
	Nordeste Mato-grossense	0,54		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	
	Sudeste Mato-grossense	0,83		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	0,60			S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C
GO	Leste Goiano	0,90			S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	
	Sul Goiano	1,73			S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	
	Norte de Minas	0,88		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	1,94		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Central Mineira	0,38		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Metropolitana de Belo Horizonte	0,45		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Oeste de Minas	1,31		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Sul/Sudoeste de Minas	2,28		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Campo das Vertentes	3,29		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Zona da Mata	0,86		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Centro Ocidental Paranaense	1,00	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
PR	Norte Central Paranaense	0,41	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Centro Oriental Paranaense	6,14	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	
	Oeste Paranaense	1,76	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Paranaense	16,97	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Centro-Sul Paranaense	15,41	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Paranaense	5,98	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Metropolitana de Curitiba	0,89	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
SC	Oeste Catarinense	3,78	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
RS	Noroeste Rio-grandense	1,59	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (**) todo ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

FEIJÃO TERCEIRA SAFRA 2025/26

TABELA 9 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	581,0	1.253	728,0
2018/19	588,8	1.481	872,1
2019/20	567,8	1.373	779,6
2020/21	530,6	1.333	707,2
2021/22	516,0	1.574	813,0
2022/23	470,2	1.680	789,9
2023/24	384,4	1.726	663,7
2024/25	Jun/26	429,2	715,2
	Jul/26	385,2	692,8

Fonte: Conab.

As lavouras estão em fase de implantação e de desenvolvimento vegetativo. Nas Regiões Sudeste e Centro-Oeste, embora haja diferença de pluviosidade entre os estados, as chuvas que ocorreram até o fim de junho foram suficientes para manter o nível hídrico nos solos que pudesse garantir a evolução inicial e o vigor vegetativo da cultura, na maior parte das áreas cultivadas.

Já na Região Nordeste, a irregularidade e o pouco volume pluviométrico têm sido fatores importantes nesse começo de ciclo e devem levar a uma frustração de expectativa em relação à indicação de área a ser plantada, justamente por conta da escassez de chuvas durante as fases de implantação e desenvolvimento inicial das lavouras.

FEIJÃO-COMUM CORES

Mato Grosso: o cultivo, que é realizado sob irrigação, foi iniciado em junho e rapidamente concluído. As chuvas extemporâneas registradas no período

também favoreceram tal avanço, além de ajudarem na manutenção dos níveis de água nos reservatórios para irrigação suplementar.

As lavouras ainda estão em fase inicial de desenvolvimento vegetativo e apresentam boas condições gerais, até o momento.

Minas Gerais: o plantio se aproxima da reta final, com 98% da área prevista já semeada. Com a consolidação da semeadura houve revisão na estimativa de área plantada, que agora aponta para incremento em comparação à safra anterior, especialmente pela influência de mercado, com preços considerados atrativos para a comercialização do feijão, além da questão de planejamento e melhor adequação do calendário agrícola, já que houve estrangulamento da janela ideal de plantio para culturas de segunda safra, como milho e sorgo, abrindo espaço para o cultivo de uma cultura com ciclo mais curto, como o feijão de inverno, terceira safra.

No campo, a observação geral é de bom desenvolvimento das lavouras, que, por serem irrigadas, não tiveram o ciclo comprometido com a estiagem prolongada que assolou algumas regiões produtoras no último mês. A maioria das áreas estão em transição dos estádios vegetativos para o reprodutivo, com muitas lavouras em floração e até enchimento de grãos para aquelas de plantio mais precoce.

No aspecto fitossanitário, o cenário também é positivo, com uma menor pressão de mosca-branca em comparação com a temporada passada, devendo influenciar no potencial produtivo.

Pernambuco: o plantio avançou e foi concluído no último mês. O cultivo, que se concentra na mesorregião do Agreste Pernambucano, tem apresentado oscilação no desenvolvimento, já que as chuvas regulares e bem distribuídas no início do ciclo deram lugar a um cenário mais restritivo, com precipitações esparsas e em volumes menores.

As lavouras encontram-se majoritariamente em fase de floração.

Vale pontuar a redução na área plantada em comparação a 2024/25, por substituição de algumas áreas para o cultivo de mandioca.

Goiás: a semeadura avançou e se encontra praticamente finalizada ao final de junho, quando foi realizado o levantamento. O plantio, que é integralmente manejado sob irrigação, foi antecipado em muitas regiões, algo que permitiu com que as primeiras lavouras implantadas já se apresentem em fases agudas do ciclo, inclusive com o início da colheita em áreas pontuais. A estimativa total de área plantada aponta para uma leve redução em comparação com o ano passado.

No Oeste Goiano, região do Vale do Araguaia, as primeiras colheitas devem ocorrer a partir de julho. Já no outro polo produtor importante do estado, que é a região Leste, microrregião de Cristalina, as colheitas já se iniciaram, embora a evolução seja escalonada, em razão da capacidade de armazenagem e quantidade da produção comercializada.

Nas demais regiões produtoras as lavouras seguem em diferentes estádios reprodutivos, indo desde a floração até a maturação.

De um modo geral, as condições das lavouras estão satisfatórias devido às temperaturas amenas na fase reprodutiva da cultura. Tais temperaturas, aliadas ao aumento da amplitude térmica, favorecem o desenvolvimento da cultura irrigada. A pressão de pragas e doenças é considerada baixa, requerendo menos aplicações preventivas de defensivos.



Foto 3 - Feijão Cores 3ª safra - Floração - Rio Verde-GO

Fonte: Conab.

Bahia: o cultivo se concentra na região nordeste do estado, e ali, as condições climáticas atuais estão menos favoráveis à implantação das lavouras em relação ao ano passado. O volume das chuvas está menor, com irregularidade e mais concentradas nas áreas próximas ao litoral. A falta de chuvas deve frustrar a estimativa inicial de área plantada.

As lavouras estão em desenvolvimento vegetativo, enfrentando certa restrição hídrica em algumas das regiões produtoras pela escassez de precipitações.

Alagoas: o último mês foi de clima mais seco, com poucas chuvas e de distribuição irregular, tanto nas áreas do Agreste, como no Sertão, locais onde se cultiva o feijão nesse período. E nesse cenário, que inclui registros de estiagem prolongada, algumas áreas antes destinadas ao cultivo deixaram de ser semeadas, o que reduziu a estimativa de área total para a cultura.

Quanto às lavouras implantadas, essa escassez de chuvas também foi prejudicial, dificultando o desenvolvimento vegetativo em parte das lavouras. Isso pode impactar no potencial produtivo da cultura.

Paraná: a cultura segue em fase de implantação e desenvolvimento inicial, com o cultivo concentrado em pequenas áreas nas regiões norte e nordeste do estado. As condições climáticas observadas no período foram favoráveis ao estabelecimento da cultura, com boa disponibilidade de água no solo, permitindo adequado desenvolvimento das plantas durante a fase vegetativa. A área está com 73% já semeada, porém a conclusão do plantio deve ser rápida, visto que a área cultivada nesse ciclo é diminuta.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Pernambuco: o plantio avançou e foi concluído no último mês. O cultivo, que se concentra na mesorregião do Agreste Pernambucano, tem apresentado oscilação no desenvolvimento, já que as chuvas regulares e bem distribuídas no início do ciclo deram lugar a um cenário mais restritivo, com precipitações esparsas e em volumes menores.

As lavouras encontram-se majoritariamente em fase de floração.

Paraíba: o plantio avançou consideravelmente e se aproxima da conclusão. As chuvas nessa região do Agreste, onde se concentra o cultivo, têm sido importantes para garantir umidade aos solos e para a implantação das lavouras e seu desenvolvimento inicial. No geral, a cultura demonstra condições entre boas e regulares, tanto no aspecto edafoclimático como no fitossanitário, com registros pontuais de ataques de pragas.

FEIJÃO-CAUPI

Pernambuco: o plantio avançou e foi concluído no último mês. O cultivo, que se concentra na mesorregião do Agreste Pernambucano, tem apresentado oscilação no desenvolvimento, já que as chuvas regulares e bem distribuídas no início do ciclo deram lugar a um cenário mais restritivo, com precipitações esparsas e em volumes menores.

As lavouras encontram-se majoritariamente em fase de floração.

Bahia: o plantio foi finalizado, contudo, devido às precipitações abaixo da média, muitas áreas estão com o desenvolvimento inicial prejudicado. A janela de chuvas foi menor este ano, com volume bem abaixo do esperado, algo que tem limitado o vigor vegetativo das lavouras e reduz a expectativa inicial de área plantada e de potencial produtivo.

Pará: muita chuva no litoral do estado e na porção leste da ilha do Marajó, nos últimos 30 dias, irrigaram as lavouras já implantadas e dificultaram o plantio das áreas que ainda não foram semeadas, podendo frustrar a estimativa de área total plantada em relação à expectativa inicial.

As lavouras implantadas estão em boas condições, com todas elas ainda nos estádios fenológicos vegetativos.

Alagoas: o último mês foi de clima mais seco, com poucas chuvas e de distribuição irregular, tanto nas áreas do Agreste, como no Sertão, locais onde se cultiva o feijão nesse período. E nesse cenário, que inclui registros de estiagem prolongada, algumas áreas antes destinadas ao cultivo deixaram de ser semeadas, o que reduziu a estimativa de área total para a cultura.

Quanto às lavouras implantadas, essa escassez de chuvas também foi prejudicial, dificultando o desenvolvimento vegetativo em parte das lavouras. Isso pode impactar no potencial produtivo da cultura.

QUADRO 5 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica								
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Falta de Chuva	
	Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão terceira safra - Safra 2025/26					
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
PE	Agreste Pernambucano	3,92	S/E	E/DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C
BA	Nordeste Baiano	2,47	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C
MT**	Norte Mato-grossense	15,66			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C
	Noroeste Goiano	4,76	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
GO**	Norte Goiano	1,55	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Centro Goiano	1,60	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Leste Goiano	8,87	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Sul Goiano	9,57	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
DF**	Distrito Federal	3,84	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C
MG**	Noroeste de Minas	18,57	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C
	Norte de Minas	1,89	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	3,15	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C
SP**	Ribeirão Preto	1,37			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C
	Bauru	5,73			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C
	Itapetininga	7,43			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (**) Total ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

ANÁLISE DE OFERTA E DEMANDA

A Conab estima que a produção de feijão para a safra 2025/26 alcance 3 milhões de toneladas. Esse volume representa uma redução de 1,4% em comparação com a safra anterior (2024/25), estimada em 3,1 milhões de toneladas. A retração decorre da expectativa de diminuição da área cultivada

(-5,6%), apesar da expectativa de elevação na produtividade (+4,4%) da cultura no próximo ciclo.

Esse cenário reflete, principalmente, os preços menos remuneradores pagos ao produtor no momento da definição de plantio, sobretudo quando comparados aos de outras culturas concorrentes por área. Além disso, a incidência de mosca-branca em algumas lavouras tem contribuído para ampliar o desestímulo ao cultivo em importantes polos produtores.

No mercado externo, na safra 2024/25, verificou-se aumento nas exportações brasileiras, que atingiram 533,2 mil toneladas. Esse crescimento foi impulsionado pelos preços internos mais baixos e pela maior disponibilidade de produto no mercado nacional. Para a safra 2025/26, diante da expectativa de menor oferta interna, projeta-se redução das exportações, estimadas em 214,3 mil toneladas.

Quanto ao consumo interno, este está estimado em 2,7 milhões de toneladas, tanto na safra 2024/25 quanto na safra 2025/26. Observa-se, contudo, uma leve tendência de redução no consumo ao longo dos últimos anos, refletindo, principalmente, mudanças nos hábitos alimentares de parte da população brasileira.

Diante desse contexto, os estoques de passagem devem apresentar comportamento próximo da estabilidade. Ao final da safra 2024/25 (dezembro de 2025), os estoques são estimados em 135,9 mil toneladas, enquanto para o encerramento da safra 2025/26 (dezembro de 2026) são projetados em 259,7 mil toneladas.

TABELA 10 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2019/20	259,7	3.222,1	113,6	3.595,4	3.150,0	176,7	268,7
2020/21	268,7	2.893,8	83,1	3.245,6	2.900,0	223,7	121,9
2021/22	121,9	2.990,2	76,1	3.188,2	2.850,0	136,1	202,1
2022/23	202,1	3.036,7	69,0	3.307,8	2.850,0	139,0	318,8
2023/24	318,8	3.198,6	22,2	3.539,6	2.900,0	343,6	296,0
2024/25	296,0	3.059,9	13,2	3.369,1	2.700,0	533,2	135,9
2025/26	jun/26	135,9	3.045,3	21,6	3.202,8	2.700,0	288,5
	jul/26	135,9	3.016,5	21,6	3.174,0	2.700,0	259,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2026.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de feijão, [clique aqui](#).



MILHO

ÁREA

22.616,6 mil ha

+ 3,6%

PRODUTIVIDADE

6.267 kg/ha

- 3,1%

PRODUÇÃO

141.728,9 mil t

+ 0,4%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

MILHO PRIMEIRA SAFRA

TABELA 11 - MILHO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20		4.235,8	6.065	25.689,6
2020/21		4.348,4	5.686	24.726,5
2021/22		4.549,2	5.501	25.026,0
2022/23		4.444,0	6.160	27.373,2
2023/24		3.970,1	5.784	22.962,2
2024/25		3.772,6	6.610	24.935,8
2025/26	Jun/26	4.126,5	7.110	29.338,0
	Jul/26	4.140,8	7.149	29.603,7

Fonte: Conab.

Na primeira semana de julho, a colheita da primeira safra de milho havia alcançado 96,3% da área estimada de cultivo. Ela está sendo finalizada na Bahia e se encerra no final de julho no Piauí e deve se prolongar até o início de agosto no Maranhão.

As condições climáticas ocorridas durante o ciclo do cereal foram favoráveis em praticamente todas as regiões produtoras, refletiram numa estimativa de produtividade de 7.149 kg/ha, 8,2% superior ao obtido na última safra e a maior produtividade média já alcançada no primeiro ciclo do milho.

A área cultivada foi estimada em 4,1 milhões de hectares, 9,8% superior a semeada na safra 2024/25, mostrando um maior interesse por parte dos produtores no aumento do cultivo do cereal em detrimento a outros cultivos, devido à possibilidade de altas produtividades e preços mais atrativos na época da comercialização.

ANÁLISE ESTADUAL

Minas Gerais: a colheita da primeira safra, que estava prestes a se encerrar no levantamento anterior, já foi finalizada no estado. Apesar do plantio atrasado, falta de umidade no solo em alguns períodos no início do ciclo e tempo nublado e chuvoso em parte da fase de enchimento de grãos, a cultura apresentou bons resultados produtivos.

Neste levantamento, foi corrigida a produtividade em 0,2% em relação ao levantamento anterior, ficando esta superior em 14% à produtividade obtida no ciclo passado. Assim, a estimativa é que a produção de milho primeira safra tenha atingido 4.749,8 mil toneladas. Isso representa um aumento de 23,4% na produção em relação à safra passada.

Rio Grande do Sul: a colheita no estado foi tecnicamente concluída, atingindo 100% da área. As últimas áreas colhidas foram cultivadas pela agricultura familiar, e finalizadas de forma gradativa para atender ao consumo interno das propriedades e conforme a disponibilidade de mão de obra local para a realização da operação. O ciclo tem a estimativa de área cultivada em 817,1

mil hectares, um incremento de 14,2% em relação ao período anterior, motivado pelo bom desempenho econômico recente do cereal e pelos preços da soja, que concorre diretamente por área com o milho.

A produtividade média estadual fechou em 7.357 kg/ha, um volume apenas 3,1% inferior ao do ciclo passado. Esse resultado é considerado altamente satisfatório, especialmente diante da forte irregularidade espacial das chuvas de verão, dos diferentes pacotes tecnológicos adotados e da estiagem registrada entre novembro e dezembro de 2025 no Rio Grande do Sul.

Bahia: o tempo seco favoreceu o avanço da colheita do cereal, que alcançou 96% da área no final de junho. As produtividades estimadas têm sido consideradas satisfatórias e bem superiores às obtidas na última safra, e a colheita se concentra em pequenas áreas de agricultura familiar.

Maranhão: em junho, a colheita foi intensificada nas regiões sul, oeste e leste do estado, e atingiu em torno de 74% da área plantada no final do mês, devendo-se prolongar até agosto. As demais lavouras encontram-se em maturação. A produtividade estimada é de 5.666 kg/ha, com aumento de 10,5% em relação à safra anterior, devido às boas condições climáticas durante o ciclo da cultura.

Piauí: nesta safra, as condições climáticas mostraram-se favoráveis para a cultura, favorecendo o bom desenvolvimento das lavouras, embora tenha registrado atrasos no início da semeadura por conta da irregularidade das chuvas em parte do Cerrado piauiense. Registrou-se um aumento de 5,6% na área cultivada devido à abertura de novas áreas e devido a uma maior demanda por conta da fábrica de etanol que deve entrar em funcionamento neste ano. A produtividade deve confirmar um aumento superior a 40% em relação à safra anterior, e está estimada em 5.280 kg/ha.



Foto 4 - Milho 1ª safra - Colheita - Uruçuí-PI

Fonte: Conab.

Tocantins: o período de estiagem, típico dessa época, favoreceram as colheitas e à qualidade dos grãos. Durante a safra da cultura, as chuvas bem distribuídas contribuíram para os bons resultados de produtividade. A colheita encontra-se em fase final, com previsão de encerramento nos próximos dias. As lavouras conduzidas por produtores com maior nível de tecnificação têm apresentado produtividades expressivas, alcançando cerca de 7.200 kg/ha em Lagoa da Confusão e 8.400 kg/ha em Darcinópolis. Em contrapartida, as áreas conduzidas por agricultores familiares registram produtividades próximas de 3.600 kg/ha. Para o estado, a estimativa é de uma produtividade média de 7.378 kg/ha.

QUADRO 6 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica																			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2025/26																
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL					
PA	Sudeste Paraense	2,69				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C									
TO	Ocidental do Tocantins	0,80					S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C	C						
	Oriental do Tocantins	0,58					S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C	C						
MA	Oeste Maranhense	1,84						S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C					
	Leste Maranhense	0,46						S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C					
	Sul Maranhense	4,29					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C						
PI	Sudoeste Piauiense	5,30				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C						
BA	Extremo Oeste Baiano	7,38			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C						
MT	Norte Mato-grossense	0,80			PS	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C								
GO	Centro Goiano	0,59			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C	C						
	Leste Goiano	2,35			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C	C						
	Sul Goiano	2,38			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C								
DF	Distrito Federal	0,59			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C						
MG	Noroeste de Minas	2,34			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C						
	Norte de Minas	0,73			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C						
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	5,19			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C						
	Metropolitana de Belo Horizonte	0,45			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C							
	Oeste de Minas	1,66			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C							
	Sul/Sudoeste de Minas	4,23			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C							
	Campo das Vertentes	2,35			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C							
	Zona da Mata	0,62			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C							
SP	São José do Rio Preto	0,52			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C								
	Ribeirão Preto	0,51			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C								
	Bauru	0,97			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C								
	Campinas	1,34			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C								
	Itapetininga	1,96			S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C								
	Macro Metropolitana Paulista	0,69			S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C								
PR	Centro Oriental Paranaense	2,64		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C								
	Oeste Paranaense	0,65		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C								
	Sudoeste Paranaense	1,15		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C								
	Centro-Sul Paranaense	2,98		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C								
	Sudeste Paranaense	1,93		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C								
	Metropolitana de Curitiba	1,32		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C								
SC	Oeste Catarinense	4,36		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C								
	Norte Catarinense	1,15		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C								
	Serrana	1,27		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C								
	Vale do Itajaí	0,59		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C								
	Sul Catarinense	0,48		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C								

Continua

Legenda - Condição hídrica			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva
	Média Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva
			Alta Restrição - Excesso de Chuva
			Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2025/26											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
RS	Noroeste Rio-grandense	11,63	S/E	S/E/DV	E/DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense	3,12		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense	0,82	S/E	S/E/DV	E/DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Oriental Rio-grandense	1,48		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre	0,58		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense	1,59		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudeste Rio-grandense	0,50		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

MILHO SEGUNDA SAFRA

TABELA 12 - MILHO SEGUNDA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20		13.755,9	5.456	75.053,2
2020/21		14.999,6	4.050	60.741,6
2021/22		16.369,3	5.247	85.892,4
2022/23		17.192,7	5.954	102.365,1
2023/24		16.437,4	5.479	90.057,8
2024/25		17.427,9	6.499	113.271,4
2025/26	Jun/26	17.777,6	6.067	107.865,2
	Jul/26	17.797,9	6.148	109.430,1

Fonte: Conab.

A colheita da segunda safra de milho no Brasil alcançou 28,5% da área cultivada na primeira semana de julho. Em junho, ocorreram precipitações acima da média histórica na maioria das regiões produtoras, entretanto, essas chuvas chegaram tarde demais para reverter as perdas ocasionadas pelos veranicos ocorridos em abril e maio, principalmente em Goiás, Minas

Gerais e Piauí. Nesses estados, as lavouras semeadas fora da janela ideal de cultivo foram severamente impactadas pela redução da disponibilidade hídrica, ocasionando perdas de produtividade acentuadas, e em algumas situações, perda total da produção.

Em contraste a essa situação, em Mato Grosso do Sul, Rondônia, Pará e Mato Grosso, as condições climáticas ocorridas durante o ciclo do cereal proporcionaram boas condições para o desenvolvimento da cultura, o que reflete nas produtividades alcançadas nesses estados. No Paraná, segundo maior produtor de milho segunda safra, as precipitações ocorridas favoreceram as lavouras semeadas tardiamente, mas as baixas temperaturas e a ocorrência de geadas comprometeram o potencial produtivo em algumas regiões. Já em Mato Grosso, mesmo com o excesso de chuvas no final de janeiro e em fevereiro, o que dificultou a colheita da soja, conseguiu semear os seus campos na janela ideal de plantio, e as produtividades têm superado as estimadas inicialmente e se aproximam às obtidas na última safra.

Após estas análises regionais, a Conab aumentou a sua estimativa de produção para a safra 2025/26 de milho segunda safra para 109,4 milhões de toneladas, 1,5% superior à última estimativa e apenas 3,4% inferior ao último ciclo, cultivada em 17,8 milhões de hectares, 2,1% superior ao plantado na safra passada.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: com a colheita ultrapassando a metade da área cultivada, observam-se dois cenários distintos no campo: as lavouras semeadas dentro da janela ideal de plantio mantêm perspectivas de ótimas produtividades. Em contrapartida, as áreas cultivadas fora da janela enfrentaram restrições hídricas severas, o que limitou o rendimento médio, mas nada que prejudique

os números estaduais, pois as condições das lavouras permanecem ótimas/boas na predominância das áreas acompanhadas. Contudo, foram observados problemas pontuais de aumento de grãos avariados nas primeiras áreas colhidas em virtude do excesso de umidade no final do ciclo. De modo geral, observa-se um cenário desafiador, com chuvas fora de época e problemas na qualidade de grãos de milho.

Entretanto, apesar das dificuldades ocorridas durante o ciclo e a implantação da cultura, com excesso de chuvas que dificultaram a colheita da soja, a maioria das lavouras foi semeada na janela ideal, e as condições climáticas foram favoráveis durante a maior parte do ciclo do cereal. As produtividades têm superado as estimadas inicialmente e se aproximam das obtidas na última safra, que foram as máximas já obtidas no estado.

Paraná: o milho apresenta desenvolvimento heterogêneo entre as regiões em virtude das diferenças de época de plantio e das condições climáticas ao longo do ciclo. Nas regiões oeste e sudoeste, o ciclo foi marcado inicialmente por estiagens e altas temperaturas entre março e abril, que provocaram estresse hídrico em parte das lavouras semeadas mais cedo. Em contrapartida, as chuvas registradas posteriormente no outono contribuíram para a recuperação parcial do potencial produtivo das áreas em desenvolvimento.

Na região norte e noroeste, o desenvolvimento das lavouras ocorreu de forma mais regular, embora o excesso de umidade e a menor luminosidade registrados em junho estejam dificultando o avanço da maturação e da colheita, além de elevar o risco de comprometimento da qualidade dos grãos. Já no centro-sul, Campos Gerais e leste do estado, onde a cultura apresenta parte expressiva da área, as lavouras encontram-se entre enchimento de grãos e maturação, com atenção voltada para possíveis impactos de frio

e variações de umidade, que podem antecipar a maturação ou afetar o enchimento de grãos em áreas mais tardias. De forma geral, o clima de junho tem sido determinante para a definição da produtividade final, com contraste entre o benefício da regularização hídrica em parte do ciclo e os riscos associados ao excesso de chuvas no período de finalização da safra.

Mato Grosso do Sul: na região centro-sul, a colheita já foi iniciada, mas ocorre de forma incipiente devido ao elevado volume de chuvas e alto teor de umidade nos grãos. A expectativa é que os trabalhos avancem com maior intensidade após a primeira quinzena de julho. Com boa parte das lavouras já em fase avançada de desenvolvimento, a preocupação com possíveis geadas diminui gradativamente. No entanto, a ocorrência de vendavais, especialmente em agosto, permanece como o principal fator de risco climático, podendo causar acamamento das áreas mais atrasadas.

No quesito fitossanitário, a pressão de lagartas diminuiu sensivelmente, com poucos casos de necessidade de controle em talhões que foram semeados tardiamente e que floresceram no período, visto que nestes casos também houve aparecimento de pulgão. Além disso, devido aos custos de produção, parte dos produtores reduziram as pulverizações dos fungicidas preventivos. Dessa forma, observa-se a incidência de bipolaris neste final de ciclo e, em menor escala, diplodia e cercosporiose. Na região norte, a cultura apresenta desenvolvimento predominantemente entre enchimento de grãos e maturação fisiológica, com as áreas mais precoces iniciando a colheita no início de julho. As lavouras implantadas dentro da janela considerada ideal mantêm potencial produtivo de regular a bom, embora haja relatos de redução no potencial inicialmente esperado em virtude da restrição hídrica observada no final de abril, especialmente em áreas semeadas mais tardiamente e em solos de menor retenção de água.



Foto 5 - Milho 2ª safra - Maturação - Nova Alvorada do Sul-MS

Fonte: Conab.

Goiás: mesmo com chuvas ocorrendo na metade de junho com volumes significativos, não foram suficientes para reverter a situação das lavouras atuais, que em sua maior parte estão entre R3 e R6. Produtores do sul do estado iniciaram a colheita com umidade entre 18% e 21%, e os grãos chegaram aos armazéns com boa qualidade.

A situação das lavouras, em geral, é bem diversa em relação ao potencial produtivo. As lavouras semeadas dentro do calendário, que possuem cobertura de palha e perfil de solo adequados, perderam potencial produtivo, mas vão conseguir produtividades superiores a 6.000 kg/ha. Enquanto as lavouras mais tardias estão em situação entre não colheita, formação de palhada, colheita para silagem e baixas produtividades que podem variar entre 0 a 4.500 kg/ha. Com chuvas em diferentes volumes ocorrendo em junho, de certa forma prejudicaram a qualidade de algumas lavouras, ocorrendo sintomas de doenças fúngicas nos grãos.

A colheita em Goiás está iniciando devido a um certo avanço na maturação fisiológica das lavouras, porém com um ritmo mais lento. Isso se deve às condições climáticas desfavoráveis em junho, com chuvas e quedas de temperatura que retardaram a secagem dos grãos e, conseqüentemente, as operações de colheita. A estimativa de área plantada foi mantida em 1.750,9 mil hectares, com uma produtividade reduzida para 4.980 kg/ha.

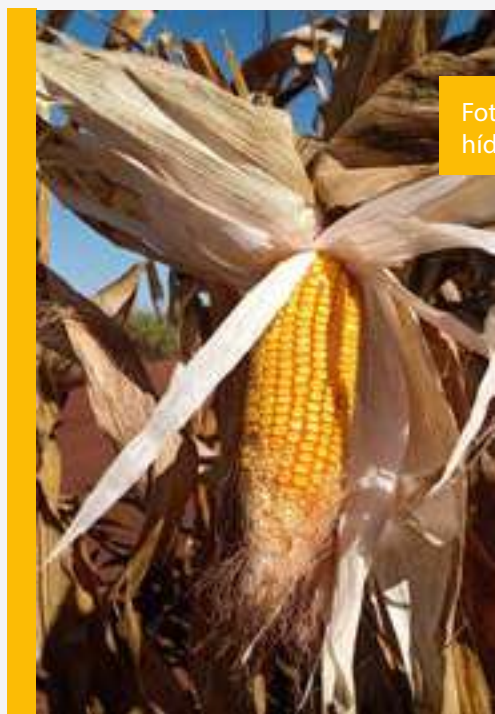


Foto 5 - Milho 2ª safra - Desenvolvimento de espiga irregular devido à restrição hídrica - Itumbiara-GO

Fonte: Conab.

Foto 6 - Milho 2ª safra - Enchimento de grãos - Piracanjuba-GO



Fonte: Conab.

Minas Gerais: as lavouras de milho safrinha apresentam panoramas distintos, considerando-se as regiões de cultivo e a presença de irrigação ou não. A estiagem que assolou principalmente, entre outras regiões, o Noroeste e Triângulo Mineiro, foi determinante para o baixo desempenho da cultura. As lavouras de sequeiro nessas regiões tiveram seu crescimento comprometido pela falta de umidade no solo em fases cruciais de desenvolvimento vegetativo e enchimento de grãos. Estas, apresentam, de maneira geral, uma expectativa de baixa produtividade.

Essas duas regiões são as principais produtoras do milho segunda safra, visto que a proporção de lavouras de sequeiro é maior que as áreas irrigadas. Já as lavouras irrigadas nessas mesmas regiões apresentam bom desenvolvimento. As primeiras áreas começaram a ser colhidas, e a expectativa de produtividade é acima dos 9.000 kg/ha. Há casos pontuais, onde o rendimento era inferior a 50 scs/ha, de produtores que optaram por destinar a produção para silagem, visando reduzir os prejuízos. Também registra-se perda de áreas devido aos ventos fortes que acompanharam as últimas chuvas e tombaram área significativa de lavouras no Alto Paranaíba. As regiões do Alto Paranaíba e Sul de Minas, por sua vez, apresentaram um melhor regime de chuvas, contribuindo para o desenvolvimento vegetativo e reprodutivo das lavouras. Nessas regiões, as produtividades estão um pouco mais elevadas.

São Paulo: o milho nesta safra se apresenta com seu desenvolvimento mais lento devido às baixas temperaturas, porém o cereal apresenta com boa sanidade. Vale dizer ainda que na região sudoeste, de maneira geral, há atraso na colheita, que só deve avançar em meados de julho. Mesmo assim, as condições do cereal são consideradas satisfatórias pela maioria dos produtores.

Distrito Federal: neste levantamento confirmou-se um leve aumento na área de milho segunda safra, comparando-se com a área cultivada na safra passada. As lavouras estão em estágio de maturação, desde a fase pastosa até maturação fisiológica.

A falta de chuvas na fase crítica de enchimento de grãos afetou levemente a produtividade, mas a produção fica mantida pelo aumento da área.

Maranhão: em junho, a colheita do milho safrinha foi iniciada e atingiu 50% da área cultivada no início de julho. A operação está prevista para ocorrer até agosto de 2026. As lavouras remanescentes em campo encontram-se em enchimento de grãos e maturação, apresentando bom desenvolvimento. A área estimada de plantio da segunda safra é de 223,7 mil hectares. Houve uma considerável redução de 25,2% em relação ao ano anterior, devido à diminuição da janela ideal de plantio da segunda safra de milho, em razão do atraso no plantio e, conseqüentemente, da colheita da soja na presente safra, pela irregularidade das chuvas em outubro e novembro de 2025.



Foto 7 - Milho 2ª safra - Maturação - Alto Parnaíba-MA

Fonte: Conab.

Piauí: as condições climáticas historicamente não se apresentam tão favoráveis para a segunda safra no Piauí, cuja semeadura normalmente inicia no último decêndio de fevereiro e depende muito dos níveis de umidade no solo. Um fator determinante para fixar a produtividade das lavouras é a ocorrência de chuvas no início de maio, quando a cultura se encontra em fase crítica de enchimento de grãos, situação que não se confirmou nesta safra.

Neste ciclo, embora tenha ocorrido chuvas no terceiro decêndio de outubro, com início, conseqüentemente, da semeadura da soja, havia perspectiva de aumento significativo de área, porém houve irregularidades das chuvas em novembro e dezembro, situação que prolongou a semeadura da soja, impactando, assim, a janela ideal de plantio da segunda safra. Com isso, registrou-se uma pequena redução de área de 3,9% em relação à safra anterior. Uma parcela das lavouras se estabeleceu em boas condições, porém grande parte sofreu com deficit hídrico, impactando na produtividade final. A colheita já foi iniciada e alcançou 30% da área semeada no início de julho.



Foto 8 - Milho 2ª safra - Maturação - Baixa Grande do Ribeiro-PI

Fonte: Conab.

Pernambuco: a regularidade das chuvas favoreceu as fases fenológicas iniciais, mas a recente restrição hídrica impactou negativamente o enchimento de grãos nas lavouras semeadas tardiamente.

Ceará: as chuvas foram bem distribuídas na maioria das regiões produtoras, e os rendimentos esperados devem superar, em muito, os obtidos na última safra. A colheita já foi iniciada, devendo ganhar ritmo em julho.

Paraíba: o outono paraibano está sendo marcado por temperaturas elevadas e chuvas entre normal e acima da média histórica, sobretudo nas regiões da Mata e Agreste do estado. O plantio foi finalizado, e os estádios variaram desde a emergência até a colheita, nas áreas semeadas no início do ciclo. As condições das lavouras encontram-se entre boa e regular.

Bahia: as lavouras apresentaram limitação do potencial produtivo devido à redução da disponibilidade hídrica. Os cultivos encontram-se distribuídos entre as fases de formação de grãos, maturação e colheita. Entretanto, observa-se aumento do risco produtivo para as áreas implantadas tardiamente. Com o avanço da estação seca, a redução da umidade do solo e a elevação da demanda evaporativa da atmosfera tendem a intensificar o estresse hídrico, especialmente nas lavouras que ainda estão em fase de formação dos grãos. Nessas condições, podem ocorrer limitações na formação das espigas, redução do número de grãos por espiga e menor enchimento de grãos, com reflexos negativos sobre a produtividade final.

De forma geral, as perspectivas permanecem favoráveis para as lavouras semeadas dentro da janela considerada adequada para a região, enquanto os cultivos mais tardios apresentam maior vulnerabilidade às condições climáticas típicas do período seco.

Tocantins: a colheita da segunda safra alcançou 40% da área estimada na primeira semana de julho. Os maiores avanços são observados em Marianópolis, Caseara e Nova Rosalândia, com produtividades superiores a 8.000 kg/ha, refletindo o bom desempenho das lavouras semeadas dentro da janela ideal. Nas demais regiões os trabalhos seguem lentos. Em Campos Lindos, a colheita deve ganhar ritmo a partir de meados de julho, enquanto em Darcinópolis ainda não há registros de colheita. De modo geral, os primeiros resultados indicam melhor desempenho das áreas plantadas em época adequada e maior variabilidade nas lavouras semeadas mais tardiamente.

Rondônia: o tempo seco contribuiu para a maturação fisiológica, reduzindo a pressão de doenças fúngicas e favorecendo a qualidade dos grãos. Nas lavouras de milho, observa-se a formação de espigas bem desenvolvidas, indicando eficiente polinização e boas condições climáticas durante as fases críticas da cultura.

De maneira geral, o cenário agrícola no estado evidencia lavouras vigorosas e produtivas, com alto potencial de rendimento e qualidade comercial. Devido ao plantio tardio em algumas regiões, do total de áreas previstas para a safrinha, foram consolidados apenas 459,5 mil hectares, que apresentam um cenário de 2% em enchimento de grãos, cerca de 80% em maturação e 18% de áreas já colhidas.

Pará: as precipitações frequentes sustentaram um desenvolvimento regular das lavouras nas principais regiões produtoras do estado. A colheita se aproxima da finalização nos polos da BR-193 e Redenção, com boas produtividades sendo obtidas. Nos polos de Paragominas e Santarém, as lavouras se aproximam da maturação e com boas condições de desenvolvimento.

Roraima: as chuvas frequentes, alternadas com períodos de sol, favorecem o desenvolvimento do cereal no estado. A maioria das áreas encontra-se nos estádios reprodutivos e apresenta boas condições de desenvolvimento.

QUADRO 7 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO SEGUNDA SAFRA

Legenda – Condição hídrica											
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva			Baixa Restrição - Excesso de Chuva			Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
			Média Restrição - Falta de Chuva			Média Restrição - Excesso de Chuva			Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
			Alta Restrição - Falta de Chuva			Alta Restrição - Excesso de Chuva			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho segunda safra - Safra 2025/26								
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Madeira-Guaporé	0,33		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	M/C	C	
	Leste Rondoniense	1,51		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	M/C	C	
PA	Baixo Amazonas	0,19		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	EG/MC	M/C	C
	Sudeste Paraense	0,83	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	EG/MC	M/C	C
TO	Ocidental do Tocantins	0,77	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	M/C		
	Oriental do Tocantins	1,28	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	M/C		
MA	Sul Maranhense - MA	0,83		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
PI	Sudoeste Piauiense	0,33		S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense	35,44	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Nordeste Mato-grossense	9,15	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Mato-grossense	0,45	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense	0,73	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense	6,39	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	1,73	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul	1,03	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	C
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	5,78	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
GO	Norte Goiano	0,20	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Goiano	0,60	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Goiano	1,36	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul Goiano	10,68	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
DF	Distrito Federal	0,21	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas	0,68	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	1,18	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Sul/Sudoeste de Minas	0,36		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
SP	Assis	1,05			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Itapetininga	0,61			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	M/C	C

Continua

Legenda - Condição hídrica			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva
	Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva
	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Falta de Chuva
	Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho segunda safra - Safra 2025/26								
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
PR	Noroeste Paranaense	0,60	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	
	Centro Ocidental Paranaense	2,88	S/E	S/E/DV	E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Central Paranaense	3,86		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Norte Pioneiro Paranaense	1,44		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Centro Oriental Paranaense	0,19	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
	Oeste Paranaense	4,62	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Paranaense	0,39	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: *IBGE (PAM 2024)/Conab.

MILHO TERCEIRA SAFRA

TABELA 13 - MILHO TERCEIRA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20		595,6	2.734	1.628,5
2020/21		662,1	3.341	2.211,9
2021/22		637,1	3.664	2.334,6
2022/23		650,1	3.868	2.514,9
2023/24		635,1	4.714	2.993,6
2024/25	Jun/26	677,9	4.808	3.259,6
	Jul/26	677,9	3.976	2.695,2

Fonte: Conab.

O plantio foi finalizado em todas as regiões produtoras. A falta e a redução das chuvas em grande parte das regiões produtoras já afetaram o potencial produtivo do cereal. A situação é mais crítica no sertão de Sergipe e na região do município de Adustina, na Bahia, onde muitas áreas serão direcionadas para a produção de silagem e outras sequer serão colhidas.

Devido a esta situação, a produção estimada da terceira safra foi reduzida para 2,7 milhões de toneladas, uma queda de 17,3% em relação ao último levantamento e 10% inferior ao obtido na última safra.

ANÁLISE ESTADUAL

Alagoas: o período foi marcado por falta de chuvas, principalmente na faixa de terra que margeia o Rio São Francisco. Na região agreste e bacia leiteira, as chuvas têm ocorrido de forma localizada e em baixo volume. As lavouras semeadas na segunda quinzena de maio apresentam desenvolvimento atrasado, com aparente enrolamento de folhas e perda de potencial de produção. Já as lavouras implantadas nas primeiras chuvas encontram-se em fase reprodutiva, com pendoamento e formação de bonecas, mas com sinais de estresse hídrico. Diante deste cenário, a produtividade estimada foi reduzida neste levantamento.



Foto 9 - Milho 3ª safra - Desenvolvimento atrasado, devido a estresse hídrico - Olho D'água das Flores-AL

Fonte: Conab.

Sergipe: com o final da semeadura no estado, a preocupação agora está voltada para as condições climáticas. Em junho, a ocorrência de veranicos se espalhou por praticamente todas as regiões, com mais intensidade na região semiárida, mas que não deixou de acontecer até mesmo no sul de Sergipe, onde os eventos históricos de perdas de produção ocorrem não por falta, mas sim por conta de excesso de chuvas.

A situação das lavouras é bem distinta e varia de acordo com as microrregiões, visto que predomina a redução de água disponível no solo para as plantas e a quebra de safra em praticamente todo o estado, que pode ser mais severa ou mais branda, dependendo da sua localização. Em algumas áreas, os produtores estão soltando os animais para se alimentarem, pois consideram que não conseguirão colher os restos culturais para fazer silagem.

Na região do Sertão, há registros de áreas plantadas com perdas de 100% das lavouras em virtude de redução severa de água disponível no solo há vários dias, potencializada por possíveis temperaturas mais elevadas para o período do ano em virtude da provável influência do El Nino.

Em Itabaianinha, onde há expansão nos plantios de milho ao longo dos últimos anos por conta da boa distribuição de chuvas, em virtude da sua localização geográfica, neste ano-safra há muita dificuldade em razão dos veranicos ocorridos desde o final de maio. Segundo nossos contatos, as plantações realizadas mais cedo, fora da janela de plantio, até o momento, estão em boas condições e podem se recuperar caso ocorram chuvas nos próximos dias. No entanto, as semeaduras que ocorreram dentro da janela de plantio, após o dia 20 de maio, são as mais prejudicadas.

No município de Simão Dias, as lavouras estão em melhores condições quando comparadas com outras cidades sergipanas, mas o entendimento

geral é que a perda do potencial produtivo em grande parte dos cultivos já está consolidada.

Pernambuco: apesar da ausência de prejuízos produtivos até o momento, a variação das chuvas no Agreste demanda vigilância, visto que o milho está em fases reprodutivas, estágio de alta sensibilidade ao deficit hídrico. As lavouras do cereal apresentam boa vitalidade vegetativa, majoritariamente nas fases de floração e enchimento de grãos



Foto 10 - Milho 3ª safra - Desenvolvimento vegetativo - Arcoverde-PE

Fonte: Conab.

Bahia: as condições climáticas registraram redução significativa dos volumes pluviométricos nas regiões produtoras. A falta de aporte hídrico limita a capacidade produtiva, sobretudo nas lavouras de sequeiro do nordeste do estado. As lavouras estão nas fases de desenvolvimento vegetativo, floração e enchimento de grãos, com boa qualidade nas áreas irrigadas do centro-norte e oeste, mas com baixa qualidade e com perdas consolidadas na região nordeste devido à redução das chuvas.

QUADRO 8 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO TERCEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica											
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho terceira safra - Safra 2025/26								
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
RR	Sul de Roraima	1,23	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Norte de Roraima	4,29	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
PE	Sertão Pernambucano	0,64	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Agreste Pernambucano	1,41	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
AL	Sertão Alagoano	0,75	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Agreste Alagoano	1,78	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Alagoano	0,47	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
SE	Sertão Sergipano	24,16	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Agreste Sergipano	17,86	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Leste Sergipano	3,44	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano**	1,56	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Nordeste Baiano	41,72	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Centro Norte Baiano**	0,37	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: *IBGE (PAM 2024)/Conab.

Nota: **Total ou parcialmente irrigado.

OFERTA E DEMANDA

A Conab realizou a mensuração da colheita de milho na safra 2024/25, com produção total estimada em 141,2 milhões de toneladas. Este desempenho é resultado da combinação entre ganhos de produtividade no campo e a expansão da área dedicada ao milho de segunda safra.

No mercado interno, o consumo previsto para 2025 alcançou 90,68 milhões de toneladas, um acréscimo de 7,8% em relação à safra anterior. Esse crescimento é atribuído principalmente ao aumento da utilização

do milho na produção de etanol, que vem ganhando cada vez mais relevância no setor energético.

Quanto ao comércio internacional, o volume está consolidado em 1,8 milhão de toneladas na safra 2024/25. As exportações, por sua vez, atingiram 41,6 milhões de toneladas na mesma safra, impulsionadas pela ampla oferta interna e pela maior demanda internacional pelo grão. Ao final da safra, os estoques de milho alcançaram 12,47 milhões de toneladas em fevereiro de 2026.

Para a safra 2025/26, as projeções indicam expansão da área plantada tanto na primeira como na segunda safra. Na safra de verão, espera-se um crescimento de 9,8% na área cultivada, revertendo a tendência de queda dos últimos anos. Esse avanço foi motivado por perspectivas, no momento de definição de área (no segundo semestre de 2025), de preços mais favoráveis no primeiro semestre de 2026 e pela possível ampliação da procura por milho brasileiro.

Na segunda safra, a tendência de crescimento persiste, com projeção de aumento de 2,1% na área plantada. Essa expansão é sustentada pela continuidade do modelo produtivo soja-milho, economicamente atrativo. No entanto, uma esperada queda de 5,4% na produtividade deverá provocar uma redução de 3,4% na produção total da segunda safra.

Com isso, a produção total de milho para 2025/26 deverá atingir 141,7 milhões de toneladas, representando um aumento de 0,4% em comparação com o ciclo anterior. Essa leve expansão surpreende mesmo com uma pequena queda de produtividade comparada com o ano anterior.

No panorama de abastecimento, a safra 2025/26 deverá registrar um avanço de 4,7% no consumo doméstico, impulsionado pela maior demanda da indústria de etanol. As exportações continuarão em patamar elevado, apoiadas pelo bom desempenho produtivo. Por fim, os estoques de passagem devem apresentar pouca variação comparado ao ciclo anterior.

TABELA 14 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL*
2019/20	13.186,6	102.586,4	1.453,4	117.226,4	67.021,4	34.892,9	15.312,1
2020/21	15.312,1	87.096,8	3.090,7	105.499,6	71.168,6	20.815,7	13.515,3
2021/22	13.515,3	113.130,4	2.615,1	129.260,8	74.534,6	46.630,3	8.095,9
2022/23	8.095,9	131.892,6	1.313,2	141.301,7	79.466,0	54.634,4	7.201,3
2023/24	7.201,3	115.534,6	1.644,7	124.380,6	84.106,2	38.500,9	1.773,5
2024/25	1.773,5	141.157,6	1.845,8	144.776,9	90.676,9	41.631,5	12.468,6
2025/26	jun/26	12.468,6	140.462,8	1.700,0	94.881,4	46.500,0	13.250,0
	jul/26	12.468,6	141.728,9	1.700,0	94.889,2	46.500,0	14.508,3

Fonte: Conab.

Nota: *Estimativa em julho/2026.

Para mais informações sobre o progresso da safra de milho, [clique aqui](#).



SOJA

ÁREA

48.640,6 mil ha

+2,7%

PRODUTIVIDADE

3.712 kg/ha

+2,5%

PRODUÇÃO

180.568 mil t

+5,3%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 15 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - SOJA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20		37.361,6	3.382	126.373,8
2020/21		39.762,0	3.525	140.179,3
2021/22		41.793,8	3.130	130.828,7
2022/23		44.514,7	3.575	159.154,3
2023/24		46.095,9	3.282	151.283,4
2024/25		47.346,1	3.622	171.480,5
2025/26	Jun/26	48.563,3	3.712	180.252,7
	Jul/26	48.640,6	3.712	180.568,0

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

A colheita da safra de verão de soja no país foi finalizada no início de junho em todos os estados produtores. Mesmo com alguns eventos climáticos desfavoráveis durante o ciclo da oleaginosa, as produtividades obtidas em todos os estados foram próximas ou superiores às obtidas no último ciclo, até então a melhor safra da série histórica da companhia.

Ainda existem cultivos em campo em Roraima, Tocantins e Alagoas, estas lavouras serão colhidas a partir de agosto, mas que pouco representam no volume total produzido.

Neste levantamento, a área cultivada de soja foi elevada para 48.640,6 mil hectares, devido a novos resultados de mapeamentos realizados pela Conab, e a produtividade mantida em 3.712 kg/ha. A produção agora está estimada em 180,6 milhões de toneladas, 5,3% superior à da safra 2024/25, e a maior já alcançada pelos produtores.

ANÁLISE ESTADUAL

Maranhão: a colheita foi finalizada no estado. No oeste, nas regiões de Imperatriz e do Pindaré, a colheita apresentou atraso, devido às fortes chuvas no período, sendo encerrada em meados de junho, com produtividades superiores a 3.600 kg/ha. Apesar das condições climáticas adversas, como falta de chuvas no período do plantio e excesso de chuvas na colheita, em algumas áreas produtoras do estado, houve chuvas favoráveis durante o ciclo da cultura, na maior parte das lavouras do estado, possibilitando boas condições e obtenção de bons rendimentos, nas diversas regiões do estado.

Piauí: a colheita foi finalizada no estado, registrando a maior produtividade já alcançada na série histórica, estimada em 3.966 Kg/ha, 15,3% acima da alcançada na safra anterior.

Alagoas: na região centro-leste, em Limoeiro de Anadia, onde estão localizados a maioria dos plantios de soja no estado, os volumes de chuva registrados, apesar de baixos, foram suficientes para a manutenção da umidade do solo e finalização do plantio ainda em junho. Observou-se elevação da temperatura com máximas variando de 30 °C a 32 °C. As lavouras visitadas encontram-se

em diferentes estágios de desenvolvimento, desde germinação até áreas que se encontram com vagens “canivete”. O regime de chuvas intercalados com dias de estiagem tem favorecido a realização de tratos culturais, fazendo com que a soja expresse todo o seu potencial produtivo.



Foto 11 - Soja - Desenvolvimento vegetativo - Limoeiro de Anadia-AL

Fonte: Conab.

Ceará: as condições climáticas favoreceram a oleaginosa na maior parte do ciclo. A maioria das lavouras encontra-se em maturação, e a colheita já foi iniciada, obtendo boas produtividades.

Tocantins: o clima quente e seco, comum nessa época, continuou na região das várzeas, principalmente nos municípios de Lagoa da Confusão e Formoso do Araguaia, onde é cultivada a safrinha de soja no estado exclusivamente para a produção de sementes. A maioria das lavouras encontra-se nos estádios reprodutivos, e os produtores realizam os tratos culturais necessários para a obtenção de lotes de semente com qualidade.

Roraima: o plantio foi finalizado no estado, e grande parte das áreas já entraram nos estádios reprodutivos. As chuvas frequentes dificultam a realização dos tratos culturais, mas a maioria das áreas apresenta ótimo desenvolvimento.



Foto 12 - Soja - Enchimento de grãos - Alto Alegre-RR

Fonte: Conab.

QUADRO 9 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - SOJA

Legenda – Condição hídrica											
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								

UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2025/26								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
RO	Leste Rondoniense	1,13		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
PA	Sudeste Paraense	2,17		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
TO	Ocidental do Tocantins	1,70		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Oriental do Tocantins	1,30		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
MA	Leste Maranhense	0,60			S	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Sul Maranhense	1,46		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
PI	Sudoeste Piauiense	2,57		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano	5,29		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
MT	Norte Mato-grossense	16,41	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Nordeste Mato-grossense	5,27		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Mato-grossense	0,75	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
	Sudeste Mato-grossense	3,64	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	2,00		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul	1,19		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	4,55	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
GO	Noroeste Goiano	0,74		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Goiano	0,72		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Goiano	1,86		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul Goiano	7,86		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C		
MG	Noroeste de Minas	1,41		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,67		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Itapetininga	0,77		S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	

Continua

UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2025/26								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
PR	Centro Ocidental Paranaense	1,54	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Norte Central Paranaense	2,08	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense	0,86	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Paranaense	1,27		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Oeste Paranaense	2,21	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	1,25	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	1,87		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Paranaense	0,99		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
SC	Oeste Catarinense	0,95	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense	7,54		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Nordeste Rio-grandense	0,79		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Centro Ocidental Rio-grandense	1,62		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Rio-grandense	0,60		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense	1,35		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

SAFRA 2025/26

Safra de grãos

PRODUÇÃO

A Conab realizou um ajuste de 315 mil toneladas na estimativa de produção da safra 2025/26, motivado por ajustes nas estimativas de área, elevando-a de 180,25 milhões de toneladas para 180,57 milhões de toneladas.

IMPORTAÇÕES

Diante do elevado volume de importações, que já totaliza 460,77 mil toneladas, a estimativa foi revisada de 500 mil toneladas para 900 mil

toneladas. Considerando também o ritmo das exportações, novos aumentos nas projeções poderão ocorrer futuramente.

EXPORTAÇÕES

Diante do pequeno aumento de produção, as exportações são elevadas em 203 mil toneladas, passando de 116,1 milhões de toneladas para 116,3 milhões de toneladas.

ESMAGAMENTOS

A estimativa de esmagamento em 2026 continua condicionada à definição sobre a implementação da mistura obrigatória de 16% de biodiesel ao diesel (B16). Mas, diante de um aumento no percentual de vendas de diesel e do percentual de óleo de soja usado para biodiesel, além de um aumento de estimativa de vendas de farelo de soja para 2026, os esmagamentos são elevados em quase 1 milhão de toneladas, passando de 61,58 milhões de toneladas para 62,57 milhões de toneladas.

ESTOQUES FINAIS

Os estoques finais de soja em grãos foram reduzidos em 485 mil toneladas, passando de 9,3 milhões de toneladas para 8,8 milhões de toneladas.

FARELO DE SOJA

A estimativa de vendas de farelo de soja para 2026 foi elevada em 300 mil toneladas. Em razão do aumento projetado no esmagamento de soja, a

produção de farelo foi revisada para cima em 878 mil toneladas. Como resultado, os estoques de passagem aumentaram em 578 mil toneladas.

ÓLEO DE SOJA

Em razão do aumento das estimativas de vendas de diesel para 2026, divulgadas pela Empresa de Pesquisa Energética (EPE), e da elevação da participação do óleo de soja na produção de biodiesel, conforme dados da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a estimativa de vendas de óleo de soja no mercado interno foi ampliada em 198 mil toneladas. Além disso, com o aumento previsto no esmagamento de soja, a produção de óleo de soja foi elevada em 199 mil toneladas.

TABELA 16 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - SOJA - EM MIL T

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
SOJA EM GRÃOS	2024/25	7.231,3	171.480,5	969,0	179.680,8	61.525,0	108.181,1	9.974,8
	2025/26	9.974,8	180.568,0	900,0	191.442,8	66.342,0	116.307,7	8.793,1
FARELO	2024/25	2.589,0	44.233,7	0,1	46.822,8	19.751,2	23.269,2	3.802,4
	2025/26	3.802,4	48.270,9	1,0	52.074,3	21.000,0	24.696,0	6.378,4
ÓLEO	2024/25	465,2	11.765,0	105,2	12.335,5	10.312,0	1.362,9	660,6
	2025/26	660,6	12.564,4	100,0	13.324,9	10.689,0	1.800,0	835,9

Fonte: Conab e Secex.

Nota: Estimativa em julho/2026.

Estoque de passagem 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de soja, [clique aqui](#).



TRIGO

ÁREA

2.036,7 mil ha

- 16,7%

PRODUTIVIDADE

2.959 kg/ha

- 8,1%

PRODUÇÃO

6.025,9 mil t

- 23,5%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 17 - TRIGO

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2020		2.040,5	2.526	5.154,7
2021		2.341,5	2.663	6.234,6
2022		2.739,3	2.803	7.679,4
2023		3.473,4	2.331	8.096,8
2024		3.058,7	2.579	7.889,3
2025		2.445,9	2.979	7.873,4
2025	Jun./26	2.117,0	2.974	6.296,8
	Jul./26	2.036,7	2.959	6.025,9

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

Em relação ao levantamento anterior, a estimativa de produção foi novamente reduzida, refletindo principalmente os ajustes de área no Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, além da redução da produtividade no Distrito Federal e em Goiás, mesmo com os leves incrementos de área observados no Distrito Federal e em Minas Gerais. Com isso, a produção de trigo neste levantamento é estimada em cerca de 6 milhões de toneladas, representando redução de 23,5% em relação à safra passada.

A semeadura do trigo encontra-se em diferentes estágios de avanço entre as regiões produtoras. Em Santa Catarina, os trabalhos ainda estão em fase inicial, com predominância de lavouras em emergência. No Rio Grande do Sul e no Paraná, a implantação aproxima-se da conclusão, predominando áreas em desenvolvimento vegetativo, com o Paraná apresentando as primeiras lavouras em floração.

Nos estados onde a semeadura foi concluída, a cultura apresenta diferentes estádios de desenvolvimento. Na Bahia predominam lavouras em desenvolvimento vegetativo, enquanto em Mato Grosso do Sul observa-se predominância do desenvolvimento vegetativo, com áreas mais adiantadas em enchimento de grãos.

Em São Paulo, predominam lavouras entre a floração e o enchimento de grãos. Em Minas Gerais, a cultura concentra-se principalmente em enchimento de grãos, com início pontual da maturação e da colheita. Em Goiás, a colheita das áreas de sequeiro avança, enquanto as lavouras irrigadas encontram-se predominantemente em formação de panículas, com as primeiras áreas devendo iniciar a colheita no final de julho.

Rio Grande do Sul: a cultura do trigo no Rio Grande do Sul apresenta retração na área destinada à safra de inverno de 2026, com redução da área cultivada em relação ao ciclo anterior, dando continuidade à tendência de diminuição observada nas últimas safras.

Favorecida pelas condições meteorológicas, a semeadura avançou rapidamente em grande parte do estado, alcançando 85% da área prevista, sendo aproximadamente 25% das lavouras em emergência e 75% em desenvolvimento vegetativo.

Até o momento, as lavouras implantadas apresentam bom estabelecimento, com emergência uniforme, boa sanidade e baixa incidência de pragas e doenças neste início de ciclo.

No noroeste gaúcho, a semeadura foi concluída, e as lavouras apresentam boa germinação e emergência. Nos polos de Ijuí, Cruz Alta e Tupanciretã, o avanço ocorreu de forma mais lenta devido às chuvas frequentes de junho, que dificultaram a entrada das máquinas nas áreas. Parte das áreas inicialmente destinadas ao trigo foi ocupada por culturas de cobertura e canola, explicando a redução da área cultivada na região.

No leste do Planalto Médio, na Depressão Central e na Serra Gaúcha, o tempo seco e a boa umidade do solo permitiram que boa parte dos produtores concluísse a semeadura dentro da janela recomendada. As primeiras lavouras já iniciam o perfilhamento, enquanto os produtores dão sequência aos primeiros tratos culturais.

No Planalto Superior, a semeadura iniciou no final de junho e deverá ser concluída ao longo de julho. As primeiras áreas ainda se encontram em emergência, enquanto parte dos produtores finaliza o preparo do solo. O plantio mais tardio é uma estratégia adotada na região para reduzir o risco de geadas durante o florescimento.

As estimativas iniciais indicam maior potencial produtivo no Planalto Superior em comparação ao leste do Planalto Médio. Entretanto, o menor investimento em tecnologia e as incertezas quanto às condições climáticas ao longo do ciclo mantêm cautela nas expectativas para a safra.

Na Campanha, a área cultivada apresenta redução em relação à safra passada. A semeadura segue em andamento, e parte das áreas anteriormente ocupada com trigo foi destinada à pecuária e a pastagens de inverno.

Na região sul, observa-se a maior retração de área do estado. A semeadura avança gradualmente, e as lavouras encontram-se predominantemente em emergência e desenvolvimento vegetativo, com evolução mais lenta em virtude da menor radiação solar.

Paraná: na reta final de semeadura, o trigo de sequeiro segue em fase de implantação e desenvolvimento vegetativo, com diferenças regionais quanto ao avanço da semeadura e às condições de estabelecimento. No período do levantamento, a cultura apresentava plantio avançado, com aproximadamente 11% das lavouras em emergência, 84% em desenvolvimento vegetativo e 5% em floração. De modo geral, as lavouras apresentam boas condições e expectativa de produtividade satisfatória, favorecidas pelo bom estabelecimento inicial e pelas temperaturas mais baixas, que contribuem para o perfilhamento.

Apesar do bom desenvolvimento observado até o momento, a área cultivada na safra atual apresentou redução nas principais regiões produtoras do estado.

Nas regiões oeste e sudoeste, as lavouras apresentam boa emergência e vigor inicial, favorecidos pela adequada umidade do solo após o avanço das chuvas. Ao mesmo tempo, observa-se redução da área cultivada, com parte das áreas destinada a outras culturas de inverno, como aveia e cevada.

No norte e noroeste, as lavouras implantadas apresentam bom desenvolvimento, com as temperaturas mais baixas de junho favorecendo o perfilhamento. Permanece, entretanto, o monitoramento das condições climáticas para as fases de maturação e colheita, especialmente diante da ocorrência do fenômeno El Niño, que pode comprometer a qualidade dos grãos.

No centro-sul, Campos Gerais e leste paranaense, a redução de área foi mais expressiva. As condições de frio favoreceram o estabelecimento das lavouras,

porém o excesso de chuvas e os períodos de menor luminosidade ocasionaram desenvolvimento apenas regular em parte das áreas.

A redução da área observada nesta safra está associada a um conjunto de fatores relacionados às condições de mercado, às decisões de manejo e às perspectivas para a cultura, resultando também na destinação de parte das áreas para outras culturas de inverno.

São Paulo: o trigo segue em desenvolvimento no estado. Na região de Itaberá, no sudoeste paulista, principal polo produtor do cereal, as lavouras apresentam excelentes condições e iniciam a fase de alongamento. As baixas temperaturas e a disponibilidade hídrica têm favorecido o desenvolvimento da cultura, proporcionando condições adequadas para seu desempenho até o momento.

A previsão de colheita permanece para setembro e outubro, não havendo, até o momento, registros de eventos climáticos que comprometam o desenvolvimento das lavouras.

Santa Catarina: a cultura encontra-se em fase de implantação, com avanço da semeadura em praticamente todas as regiões produtoras. As lavouras já implantadas apresentam boa germinação, emergência uniforme e início do desenvolvimento vegetativo, favorecidas pela adequada umidade do solo e pelas temperaturas típicas do inverno. Em relação à safra anterior, observa-se redução da área cultivada, refletindo um conjunto de fatores relacionados às condições de mercado, ao clima e às perspectivas da cultura.

Minas Gerais: nas lavouras de trigo do estado, observam-se comportamentos distintos entre as modalidades de cultivo. Enquanto as áreas de sequeiro apresentam redução em relação à safra anterior, as áreas irrigadas registram expansão.

Parte das áreas de sequeiro mais tardias deixou de ser implantada, permanecendo em pousio ou sendo destinada ao cultivo de milho para formação de palhada. Por outro lado, as áreas irrigadas apresentaram incremento, refletindo a ampliação dessa modalidade de cultivo em relação ao ciclo anterior.

No que se refere à produtividade, as estimativas permanecem praticamente estáveis nas áreas irrigadas, enquanto as lavouras de sequeiro apresentam redução no potencial produtivo. Nas regiões mais quentes e de menor altitude, observa-se menor perfilhamento e espigas de menor porte. Apesar do elevado volume de chuvas registrado no período, não foi observada presença significativa de brusone, em virtude da utilização de cultivares mais tolerantes à doença.

Como resultado, a produção total de trigo no estado apresenta incremento em relação à safra passada, impulsionado principalmente pela expansão das áreas irrigadas.

Distrito Federal: as lavouras encontram-se nos estádios de enchimento de grãos e maturação, apresentando bom aspecto fitossanitário.

A área cultivada deverá apresentar incremento em relação à safra anterior, impulsionado principalmente pela expansão das áreas irrigadas. Nas áreas de sequeiro, a estimativa indica cultivo em patamar ligeiramente superior ao observado no ciclo anterior.

Dessa forma, considerando as duas modalidades de cultivo, a produção de trigo para a safra atual deverá superar a obtida no exercício anterior.

Goiás: a semeadura do trigo irrigado foi concluída e parte das lavouras já se encontra em fase de formação de panículas. Até o momento, não há registros

de brusone ou de outras doenças de importância econômica. As primeiras áreas deverão iniciar a colheita no final de julho, com maior concentração das operações entre agosto e setembro. As baixas temperaturas têm contribuído para a menor pressão de pragas e doenças.

O trigo de sequeiro iniciou a colheita no estado, com rendimentos variando entre 15 e 18 scs/ha, conforme a época de plantio. As lavouras foram severamente afetadas pelo estresse hídrico em decorrência da escassez de chuvas ao longo de todo o ciclo, comprometendo o potencial produtivo. Em parte das áreas, a produção será insuficiente para colheita, sendo destinada apenas à cobertura do solo.



Foto 13 - Trigo - Maturação - São Gabriel de Goiás - GO

Fonte: Conab.

Mato Grosso do Sul: até o momento, a ocorrência de ondas de frio e de chuvas regulares tem proporcionado níveis adequados de umidade e sanidade às lavouras. A elevada nebulosidade registrada no período também contribuiu para a menor incidência de plantas invasoras.

Favorecidos pela boa disponibilidade hídrica, alguns produtores realizaram a semeadura de áreas tardias, resultando em leve incremento da área cultivada em relação à safra passada.

Nas lavouras com maior potencial produtivo, seguem sendo realizados investimentos em adubação nitrogenada e demais tratos culturais. Quanto às condições fitossanitárias, observa-se baixa incidência de lagartas desfolhadoras e pulgões, com as pulverizações realizadas conforme o planejamento.

Embora as chuvas tenham favorecido o desenvolvimento da cultura, a elevada umidade relativa do ar, associada à alta nebulosidade e às temperaturas amenas, mantém a atenção voltada ao monitoramento de doenças fúngicas.



Foto 14 - Trigo - Enchimento de grãos - Rio Brilhante - MS

Fonte: Conab.

Bahia: o plantio foi concluído, e as lavouras apresentam desenvolvimento satisfatório, com bom estabelecimento inicial e estande adequado.

Em relação à safra passada, observa-se redução da área cultivada, refletindo um conjunto de fatores relacionados às condições de mercado e às perspectivas para a cultura, além da maior participação de culturas como sorgo e milho.

A produtividade esperada permanece baseada nas projeções estatísticas. As condições climáticas foram marcadas pela redução dos volumes pluviométricos e pelo predomínio de tempo firme ao longo do período, sem impactos significativos sobre as áreas irrigadas.

As lavouras irrigadas seguem com os tratos culturais conforme o planejamento dos produtores, com atenção ao controle de plantas daninhas, doenças e ao monitoramento das condições climáticas, visando a manutenção do potencial produtivo.

QUADRO 10 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - TRIGO

Legenda - Condição hídrica											
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								

UF	Mesorregiões-	Produção* %	Trigo - Safra 2026								
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	0,57	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C			
GO**	Leste Goiano** (tirar os asteriscos)	0,86	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sul Goiano	0,57	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
MG	Noroeste de Minas**	1,24	S/E	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba**	1,86	S/E	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Sul/Sudoeste de Minas	0,96	S/E	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Campo das Vertentes	1,15	S/E	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
SP	Bauru	0,73	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C			
	Itapetininga	4,25	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C		
PR	Centro Ocidental Paranaense	1,88	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	C		
	Norte Central Paranaense	5,09	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense	4,78	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C			
	Centro Oriental Paranaense	4,05		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense	3,99	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	6,62		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	4,14		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Paranaense	1,23		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	
SC	Oeste Catarinense	3,56		S/E	S/E/DV	E/DV	DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Norte Catarinense	0,81		PS	S/E/DV	E/DV	DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Serrana	1,15		PS	S/E/DV	E/DV	DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	C

Continua

Legenda - Condição hídrica			
 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões-	Produção* %	Trigo - Safra 2026								
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
RS	Noroeste Rio-grandense	36,23		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Nordeste Rio-grandense	2,69			S	S/E/DV	DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	C
	Centro Ocidental Rio-grandense	3,18		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Centro Oriental Rio-grandense	0,77		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense	4,49		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C	
	Sudeste Rio-grandense	0,66		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

(**) Parte irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

O mercado brasileiro de trigo encerrou junho com preços sustentados, apesar da baixa liquidez e da acomodação observada em algumas praças no fim do mês. A escassez de produto da safra anterior, especialmente no Paraná e no Rio Grande do Sul, continuou limitando movimentos baixistas mais consistentes, enquanto os moinhos mantiveram compras pontuais, voltadas principalmente à reposição imediata. A necessidade crescente de importações até a entrada da nova safra também segue como fator relevante na formação dos preços internos.

No mercado internacional, junho foi marcado por correção nas cotações, influenciada pelo avanço da colheita no Hemisfério Norte, pela melhora das condições climáticas em parte das lavouras dos Estados Unidos e por revisões positivas para a produção em importantes países exportadores, como Rússia e Ucrânia. Ainda assim, o cenário segue sensível, uma vez que a produção mundial de trigo em 2026/27 deve ficar abaixo do recorde observado na

temporada anterior, com estoques globais em retração moderada e menor comércio internacional. Na Argentina, principal origem do trigo importado pelo Brasil, a expectativa de menor produção também mantém atenção sobre a disponibilidade regional.

Além da redução de área estimada, o clima passa a ser um ponto central de acompanhamento. A possível configuração de El Niño no segundo semestre tende a elevar os volumes de chuva no Sul do país, de forma que o risco climático não se estenderá apenas ao potencial de perda de produtividade, mas também ao impacto sobre qualidade, formação de preços, prêmios por trigo panificável e necessidade de importação de lotes com melhor especificação.

Em relação ao levantamento anterior, a nova projeção indica redução de 270,9 mil toneladas na produção nacional. Este número, somado a uma previsão de importação de 6.853,7 mil toneladas e subtraídas exportações de 1.567,3 mil toneladas reduziria os estoques finais para 1.308,7 mil toneladas, patamar significativamente abaixo do estimado para a safra anterior. Esse quadro reforça a perspectiva de maior dependência de importações e pode manter sustentação aos preços internos ao longo da entressafra, especialmente se houver problemas de qualidade, câmbio mais pressionado ou dificuldade de recomposição dos estoques pela indústria.

TABELA 18 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2019	2.238,4	6.234,6	6.007,8	14.480,8	11.599,0	823,1	2.058,7
2020	2.058,7	7.679,4	6.079,0	15.817,1	11.849,8	3.028,3	939,0
2021	939,0	10.554,4	4.514,2	16.007,7	11.894,1	2.654,0	1.459,6
2022	1.459,6	8.096,8	5.699,9	15.256,3	11.943,6	2.791,0	521,7
2023	521,7	7.889,3	6.822,2	15.233,2	11.890,6	1.872,6	1.470,0
2024*	1.470,0	7.873,4	6.178,3	15.521,7	11.890,4	1.834,1	1.797,2
2025**	jun/26	1.753,6	6.296,8	6.813,7	14.864,1	11.800,8	1.496,0
	jul/26	1.797,2	6.025,9	6.853,7	14.676,8	11.800,8	1.308,7

Fonte: Conab.

Nota: *Estimativa em julho/26.

**Previsão.

Estoque de passagem: trigo 31 de julho.

Para mais informações sobre o progresso da safra de trigo, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE VERÃO

AMENDOIM

ANÁLISE ESTADUAL

São Paulo: o amendoim está totalmente colhido.

As chuvas ocorridas durante fevereiro e março beneficiaram as lavouras, e os produtores obtiveram produtividades superiores ao ciclo anterior.

Ceará: a cultura se desenvolve normalmente e é predominante em regiões de serra.

QUADRO 11 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - AMENDOIM

Legenda – Condição hídrica			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva
			Baixa Restrição - Excesso de Chuva
			Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva
			Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva
			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Amendoim primeira safra - Safra 2025/2026						
			OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
MG	Leste de Mato Grosso do Sul	5,72	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	6,16	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
SP	Araçatuba	3,98	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Araraquara	5,69	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Bauru	12,44	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Marília	16,26	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Presidente Prudente	17,50	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Ribeirão Preto	14,96	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	São José do Rio Preto	10,08	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2024)/Conab.

GERGELIM

Mato Grosso: as chuvas registradas durante o ciclo favoreceram o desenvolvimento da cultura. Apesar disso, as projeções atuais indicam rendimento médio menor do que a safra anterior, tendo em vista o atraso de plantio em boa parte das regiões produtoras, decorrente da priorização do milho segunda safra. A colheita foi incipiente em junho, com previsão de término em julho.

A cultura do gergelim tem apresentado redução de área frente ao avanço do milho segunda safra em Mato Grosso. Os preços estaduais têm operado em baixa, influenciando na área cultivada.

A comercialização no estado supera 80%, em razão da dinâmica característica da cultura, marcada pela negociação antecipada da produção, frequentemente realizada antes da semeadura, com poucos compradores e tendo como foco o mercado externo. Desse modo, a conjuntura tem sido desfavorável ao produtor, em decorrência de da combinação de preços mais baixos e menor produção colhida em âmbito estadual.

Pará: o gergelim tem boa tolerância ao estresse hídrico e resiste bem aos veranicos. As chuvas dos últimos 30 dias, na região de Santana e Santa Maria das Barreiras, ficaram em níveis baixos, conforme a estação seca avança. No Polo Paragominas, as chuvas de junho corroboraram um pouco com as lavouras.

Parte das lavouras já foi colhida e outra entrando em estádios de floração e enchimento de grãos.

GIRASSOL

Distrito Federal: a cultura encontra-se em fase reprodutiva, com área efetivada neste levantamento em 0,5 mil hectares.

A produção é destinada totalmente ao comércio local, onde é vendida no varejo a criadores de pets, principalmente para alimentação de aves ornamentais.

Goiás: a colheita do girassol começou nas áreas semeadas mais cedo, localizadas nas regiões sul e leste de Goiás. No entanto, as chuvas ocorridas na segunda quinzena de junho forçaram o adiamento dos trabalhos. Até o momento, cerca de 3% da área foi colhida, com rendimentos variando bastante entre as propriedades, enquanto 75% das lavouras encontram-se na fase de maturação.

O desenvolvimento dos capítulos (flores) não foi satisfatório. Nas áreas de plantio inicial, os grãos ainda conseguiram se formar, aproveitando a umidade remanescente do solo. Já nas lavouras semeadas mais tarde, não houve a formação ideal de grãos com bom peso específico. Com isso, a expectativa de produtividade foi mantida. Embora algumas lavouras com maior potencial no sul do estado tenham alcançado maior produtividade, a média final de Goiás deve permanecer baixa.

Apesar da queda na produtividade, a área plantada teve um incremento de 16 mil hectares nesta safra, passando de 47 mil hectares para 63 mil hectares.

Mato Grosso do Sul: apesar da tolerância às condições de restrição hídrica, a redução das chuvas na região nordeste afetou parte dos cultivos da oleaginosa em áreas de menor retenção de umidade. Por outro lado, a região

sudeste apresentou acumulados significativos aos talhões em fase final de florescimento, onde a cultura exige maior índice de precipitação.

Na região nordeste, apesar das condições climáticas mais favoráveis após o primeiro decêndio de junho, de maneira geral, as lavouras apresentam desenvolvimento inadequado, onde há menor população de plantas e estandes desuniformes. Essas condições são atribuídas principalmente ao menor investimento tecnológico e à condução menos intensiva da cultura em parte das áreas, limitando a expressão do potencial produtivo. Por outro lado, na região sudeste, produtores iniciaram a colheita do girassol para alimentação animal, onde foi constatado potencial produtivo satisfatório.

Nas demais lavouras, os cultivos seguem predominantemente em fase de florescimento. Com relação ao aspecto fitossanitário, as intervenções preventivas seguem conforme o planejado, sem intercorrências.

Na região sudeste, os produtores iniciaram a colheita do girassol como fonte de alimentação para aves, sendo destinados a São Paulo. O girassol tem ganhado destaque pela tolerância ao déficit hídrico, além de proporcionar reciclagem de nutrientes do solo e rotação de culturas.

Mato Grosso: o panorama meteorológico tem se mantido favorável, proporcionando a estabilidade térmica e hídrica necessária para o pleno desenvolvimento da cultura nesta etapa de final de ciclo.

Observa-se uma retração na área cultivada. Contudo, as áreas remanescentes encontram-se consolidadas no estágio de maturação fisiológica e apresentam perspectiva de produtividade positiva, refletindo o bom manejo e andamento geral da safra. O início das operações de colheita está planejado para o começo de julho.

A cultura do girassol sofreu significativa retração no contexto estadual, tendo perdido espaço para concorrentes na segunda safra, com destaque para as áreas destinadas ao milho, ao algodão, ao gergelim e ao feijão-caupi, em razão da migração dessas culturas para estados vizinhos, a exemplo de Goiás.

MAMONA

Bahia: espera-se o aumento do cultivo devido ao menor risco de perda nos períodos de estiagem e acréscimo das áreas de cultivo irrigado de inverno na região oeste, em relação ao ciclo anterior.

Espera-se alta na produtividade devido às condições climáticas favoráveis. Todavia, em relação ao último levantamento, foram registradas perdas produtivas devido à infestação de pragas.

Os volumes de chuva registrados foram baixos e distribuídos de forma irregular, mantendo-se próximos da média climatológica para a época do ano. As temperaturas máximas permaneceram elevadas durante o período diurno, enquanto as mínimas apresentaram redução, resultando em maior amplitude térmica diária. A diminuição das precipitações, associada às elevadas taxas de evapotranspiração, contribuiu para a redução dos níveis de umidade do solo, principalmente nas áreas conduzidas em regime de sequeiro. Esse cenário limitou a disponibilidade hídrica para as culturas em desenvolvimento.

As lavouras encontram-se predominantemente entre as fases de maturação fisiológica e colheita, apresentando, de modo geral, condições satisfatórias de desenvolvimento. O regime climático ocorrido ao longo do ciclo favoreceu

o desempenho da cultura, resultando em expectativa de produtividade superior à registrada na safra anterior.

Apesar do cenário positivo, foram identificadas ocorrências pontuais de pragas, especialmente cigarrinhas e percevejos, causando redução do vigor vegetativo, comprometimento das bagas e abortamento localizado de frutos. A intensidade dos danos varia conforme o nível tecnológico empregado e a adoção de práticas de manejo fitossanitário.

O mercado da mamona segue influenciado pelo comportamento do mercado internacional de óleo de rícino, cujo principal fornecedor mundial é a Índia. A elevada disponibilidade do produto no mercado externo e a competitividade das importações têm exercido pressão baixista sobre as cotações domésticas do óleo e de seus derivados. Por outro lado, a oferta relativamente ajustada de grãos no mercado nacional e a perspectiva de recuperação da produção baiana contribuem para conferir maior sustentação aos preços pagos ao produtor.

A demanda proveniente das indústrias química, farmacêutica, cosmética e de biocombustíveis continua sendo um importante fator de suporte para a cadeia produtiva da mamona no estado.

Ceará: a melhor distribuição de chuvas aponta para maior rendimento da área plantada em relação ao ciclo anterior.

SORGO

Goiás: apesar de o sorgo ser uma cultura resistente ao estresse hídrico, a baixa ocorrência de chuvas durante o ciclo prejudicou o desenvolvimento

satisfatório das lavouras. O impacto foi maior na fase reprodutiva, resultando em panículas menores, menor quantidade de grãos e baixo peso específico. Como consequência, a produtividade média geral ficou bem abaixo do esperado em quase todas as localidades do estado, com exceção das lavouras cultivadas sob sistema de pivô central.

A colheita teve início no final de junho em áreas pontuais do sul de Goiás. Com base nas lavouras observadas, a tendência é que o rendimento fique bem abaixo da previsão inicial, reflexo das condições climáticas adversas durante todo o ciclo da cultura. A produtividade média estimada é de 3.121 kg/ha, apresentando queda em relação ao levantamento anterior. A área plantada, por sua vez, manteve-se em 631 mil hectares.



Foto 15 - Sorgo - Enchimento de grãos - Vicentinópolis-GO

Fonte: Conab.

Minas Gerais: com o elevado volume de chuvas que estendeu até o final de março, prolongando o ciclo da soja e, conseqüentemente, atrasando também a colheita, e não só o milho foi semeado fora da janela, mas grande parte do sorgo. Fato que confirma esta afirmação é que cerca de 10% das lavouras estavam finalizando a fase de floração e iniciando o enchimento de grãos neste levantamento. Logo, as lavouras mais tardias de sorgo irão

pressionar a média da cultura. Boa parte das lavouras que estão na fase de enchimento de grãos apresenta cachos menores, quando se compara com a safra anterior.

Já aquele produtor que semeou dentro da janela ideal de plantio, o sorgo já se encontra em maturação ou em ponto de colheita, obtendo bons rendimentos nessas áreas. Destaca-se que a colheita do sorgo já se iniciou na região noroeste do estado.

Devido às áreas mais tardias, registrada uma correção para baixo na estimativa de produtividade, agora em 3.788 kg/ha. O sorgo sofreu elevada pressão do pulgão, uma vez que as anomalias térmicas positivas favoreceram esta praga. Outro fator que preocupa o produtor é o sorgo não tolerante à macrofomina, pois esse fungo causa a podridão do colmo, resultando em tombamento de plantas. Tal doença é favorecida por elevadas temperaturas e estresse hídrico. Logo, é um ponto de atenção, pois os danos podem ser maiores.

São Paulo: a cultura apresenta bom desempenho em campo, e a maioria das lavouras encontra-se nos estádios finais de enchimento de grãos. As baixas temperaturas registradas no período alongaram o ciclo do cereal, e a colheita deve iniciar em julho.

Mato Grosso do Sul: as lavouras apresentam boa disponibilidade hídrica nos solos, com chuvas bem distribuídas em todo o estado. Na região norte, houve restrição hídrica no início do período, onde as precipitações se reestabeleceram após o segundo decêndio de junho, contribuindo para a manutenção da umidade do solo e favorecendo a evolução das lavouras. Além disso, o clima afetou algumas lavouras na região sul e oeste, onde a queda acentuada na temperatura causou danos da mela na panícula do sorgo.



Foto 16 - Sorgo - Maturação - Glória de Dourados-MS

Fonte: Conab.

As lavouras encontram-se predominantemente entre florescimento e enchimento de grãos nas áreas mais precoces, apresentando potencial produtivo satisfatório. A pressão de lagartas foi menor nesse período, mas ainda manteve a necessidade de pulverização, muitas vezes associada ao controle de pulgão das folhas, sendo realizado a operação conjunta em quase todas as lavouras em produção.

Mato Grosso: o volume de precipitações apresentou redução ao longo do mês. Contudo, devido à reconhecida rusticidade e maior tolerância da cultura ao déficit hídrico, esse cenário de restrição não deverá acarretar prejuízos significativos ao potencial produtivo, visto que a cultura encontra-se em estágio final de maturação. Destaca-se um aumento visível na área destinada ao cultivo de sorgo em todas as regiões produtoras. As lavouras encontram-se majoritariamente no estágio de maturação, exibindo bom desenvolvimento geral e condições fitossanitárias bastante satisfatórias. O início das operações de colheita foi iniciado, porém o maior ritmo está previsto para a primeira quinzena de julho.

Distrito Federal: as lavouras estão em estágio de maturação, desde a fase pastoso até maturação fisiológica. A falta de chuvas na fase crítica de enchimento de grãos afetou levemente a produtividade, visto que a produção fica mantida devido ao aumento da área cultivada.

Bahia: os cultivos encontram-se distribuídos entre as fases de formação de grãos, maturação e colheita. De forma geral, as perspectivas permanecem favoráveis para as lavouras irrigadas e lavouras de sequeiros semeadas dentro da janela considerada adequada para a região, enquanto os cultivos mais tardios de sequeiro apresentam limitação do potencial produtivo devido à redução da disponibilidade hídrica.

Maranhão: a colheita foi iniciada aos poucos no final de junho e deve prolongar até agosto. As lavouras remanescentes encontram-se em enchimento de grãos e maturação.



Foto 17 - Sorgo - Enchimento de grãos - Alto Parnaíba-MA

Fonte: Conab.

Piauí: a colheita foi iniciada, atingindo cerca de 6% da área no final de junho. As produtividades das primeiras áreas superam as estimadas inicialmente,

entretanto, as lavouras semeadas tardiamente tiveram perda do potencial produtivo devido ao corte das chuvas no final de abril.

Tocantins: as chuvas bem distribuídas e os elevados volumes registrados em fevereiro e março favoreceram o estabelecimento e o desenvolvimento inicial da cultura. Entretanto, as lavouras semeadas mais tardiamente, ao longo de março, tendem a apresentar menor produtividade, uma vez que a redução gradual das chuvas em abril, seguida pelo encerramento das precipitações no final do mês, coincidiu com a fase reprodutiva da cultura, comprometendo o enchimento dos grãos. Na região sul do estado já há registros do início da colheita, obtendo boas produtividades. Nas regiões central e norte, a colheita teve início de forma pontual em alguns municípios, porém, na maior parte das áreas, os trabalhos ainda não foram iniciados.

Pará: a colheita avança no estado, e as produtividades alcançadas são consideradas satisfatórias pelos produtores. As condições climáticas ocorridas durante o ciclo do cereal favoreceram o seu desenvolvimento. As lavouras remanescentes em campo encontram-se na fase final de enchimento de grãos e maturação.

Rio Grande do Sul: a safra atual teve 6,2 mil hectares cultivados no estado, apresentando uma produtividade média final de 4.382 kg/ha, com a área colhida atingindo o patamar de 99%. A proximidade do encerramento da colheita reafirma a importância da cultura como alternativa estratégica para o sistema produtivo gaúcho, atuando como uma ferramenta eficiente na mitigação de riscos e custos diante de adversidades climáticas, graças à sua rusticidade e tolerância ao estresse hídrico e térmico frente ao milho e à soja.

QUADRO 12 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- SORGO

Legenda – Condição hídrica											
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				

UF	Mesorregiões	Produção* %	Sorgo - Safra 2025/2026								
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
PA	Sudeste Paraense	3,93		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
TO	Ocidental do Tocantins	1,18		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense	2,44		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano	2,74	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	2,13		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	1,92		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense	2,90		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
GO	Centro Goiano	1,25		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Leste Goiano	7,42		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sul Goiano	27,47		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
DF	Norte Mato-grossense	2,26			S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas	6,00		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	18,80		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Aragatuba	1,94			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Bauru	3,67			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
SP	Campinas	1,09			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Assis	1,54			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Itapetininga	1,79			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2024)/Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de verão, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE INVERNO

AVEIA-BRANCA

Rio Grande do Sul: a semeadura se aproxima da conclusão. A operação que iniciou ainda em abril em 4% da área prevista, alcançou 52% da área em maio e ocorreu em outros 39% da área em junho, alcançando 91% da área total prevista. As chuvas menos recorrentes e volumosas favoreceram a entrada das máquinas nas lavouras, a evolução da operação e o bom posicionamento das sementes no solo para obtenção de bom percentual de emergência.

As áreas não semeadas até o momento deverão ser semeadas em julho. Estas lavouras são as que serão cultivadas nas regiões mais frias do estado, onde existe maior probabilidade de geadas tardias, como no Planalto Superior, e em regiões menos tradicionais da cultura, como a Campanha.

As temperaturas baixas registradas ao longo de maio e junho retardam o desenvolvimento vegetativo das plantas, mas favorecem o perfilhamento destas. Os baixos volumes acumulados de chuva não causaram estresse significativo às plantas até o momento e ainda favorecem a manutenção de boa sanidade nas lavouras.

Nas primeiras áreas semeadas, os produtores já realizaram alguns tratos culturais durante junho, como o controle das plantas competidoras e a aplicação de fertilizantes nitrogenados.

Entre a área já semeada, no período do levantamento, 8% estava em emergência e os demais 92% em diferentes etapas do desenvolvimento vegetativo. As

lavouras já emergidas apresentam boa formação da população das plantas, embora haja algumas falhas pontuais em razão das fortes chuvas do início de maio e de chuvas menos volumosas entre o final de maio e início de junho.

Considerando que a cultura ainda se encontra no período de semeadura, foi mantida a estimativa inicial de produtividade para a safra de inverno de 2026 em 2.336 kg/ha. De forma geral, o estabelecimento inicial foi adequado e a condição geral das lavouras é boa, mantendo o potencial de produtividade da cultura no estado.

A estimativa da área cultivada está mantida neste mês. O avanço da cultura se dá pelo menor custo de produção da cultura em relação a outras culturas de inverno, pela diversidade de usos dos grãos e pela diversidade de opções de utilização da massa verde/seca das lavouras, como cobertura de solo, silagem e feno, por exemplo.

Paraná: junho foi marcado pela continuidade do plantio e pelo estabelecimento das lavouras implantadas. As chuvas registradas no período favoreceram a manutenção da umidade do solo, contribuindo para a emergência e o desenvolvimento vegetativo da cultura. As temperaturas mais baixas observadas no Paraná foram benéficas para a aveia, favorecendo o perfilhamento e proporcionando maior uniformidade das plantas. Em algumas localidades, porém, o excesso de umidade e os dias mais nublados limitaram parcialmente o desenvolvimento inicial.

A semeadura da cultura encontra-se em fase final, com as áreas implantadas distribuídas principalmente entre emergência, com 4,8%, desenvolvimento vegetativo, com 78,7%, e floração, com 13,3%. De modo geral, as lavouras apresentam boas condições, com desenvolvimento satisfatório e bom estabelecimento inicial.

A área cultivada com aveia apresentou aumento em relação à safra anterior, impulsionado pela redução do cultivo de trigo e pela preferência dos produtores por uma cultura de menor custo, mais rústica e adequada para rotação de culturas e cobertura do solo.

A cultura permanece direcionada principalmente à produção de grãos para alimentação animal, indústria e formação de cobertura de solo.

O aumento de área observado está relacionado não apenas à demanda de mercado, mas também à estratégia dos produtores diante dos custos e clima.

Mato Grosso do Sul: até o momento, o quadro climático se apresenta favorável à cultura, onde chuvas regulares e temperaturas amenas vêm proporcionando estabelecimento inicial e uniformidade das plantas nas lavouras mais atrasadas, além de induzir a emissão dos primeiros cachos.

Na região de fronteira, foram observadas algumas áreas cultivadas do cereal, aparentemente destinadas à cobertura do solo ou rotação de culturas. Nessas áreas, constatou-se elevada incidência de pulgões, fator que reforça a hipótese de utilização da cultura como planta de serviço, onde foi constatada redução de plantio comercial. De maneira geral, são observadas condições satisfatórias, onde o ciclo vem apresentando alta disponibilidade hídrica e temperaturas adequadas à cultura. Nas demais áreas, casos pontuais de pulgão têm exigido controle e, como majoritariamente as lavouras encontram-se em fase de alongamento, estão recebendo a primeira dose de fungicida protetor.

Não houve alterações quanto ao mercado do cereal, restringindo-se a negociações pontuais em mercados locais ou com compradores de outros estados, sobretudo porque outras culturas ocupam posição prioritária na escala comercial e armazenagem.

QUADRO 13 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- AVEIA

Legenda - Condição hídrica											
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								

UF	Mesorregiões	Produção* %	Aveia - Safra 2026								
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	1,70	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
PR	Centro Ocidental Paranaense	2,31	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	EG/M/C	M/C	C		
	Norte Central Paranaense	2,99	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense	1,18	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C		
	Centro Oriental Paranaense	4,34	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	2,32	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Centro-Sul Paranaense	2,90	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Sudeste Paranaense	2,80			S	E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C	
RS	Noroeste Rio-grandense	56,41		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	
	Nordeste Rio-grandense	7,40			S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Centro Ocidental Rio-grandense	8,79		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense	1,72		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	
	Sudoeste Rio-grandense	2,78		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	
	Sudeste Rio-grandens	1,53		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2024)/Conab.

CANOLA

Rio Grande do Sul: a safra de canola no inverno 2026 apresenta um incremento na área cultivada em relação à safra passada, no estado.

A semeadura, que avançou significativamente em maio, atingiu 100% da área estimada e foi totalmente concluída ao longo de junho, visto que 99% está em desenvolvimento vegetativo e 1% já está em florescimento.

O estabelecimento inicial das lavouras é considerado satisfatório, apresentando população de plantas adequada às recomendações técnicas,

bom vigor e potencial produtivo mantido. Não foram registrados relatos de danos significativos decorrentes de geadas até o presente momento do ciclo.

No panorama fenológico, predominam lavouras em desenvolvimento vegetativo, com algumas áreas tardias ainda em fase de emergência. No noroeste, as parcelas implantadas no início da janela de cultivo já iniciam o período reprodutivo, com o surgimento das primeiras inflorescências. Pontualmente, registraram-se ressemeaduras devido a problemas locais de germinação causados por trombas d'água, déficit hídrico, profundidade incorreta de deposição de sementes e inexperiência no cultivo. Alerta-se também para o monitoramento fitossanitário em áreas vegetativas devido ao aparecimento de canela-preta.

Regionalmente, o aumento de área é expressivo no leste do Planalto Médio, em especial na região de Passo Fundo. Em contrapartida, no Planalto Superior e na Serra do Nordeste, o cultivo é historicamente restrito devido à incidência de mofo-branco, doença de alto impacto econômico na sucessão com a soja. A Serra do Nordeste registra uma estimativa de aproximadamente mil hectares nesta safra. A semeadura ocorreu em junho, com 30% da área em emergência e o restante no início do desenvolvimento vegetativo.

Paraná: a canola apresenta o ciclo em desenvolvimento, com 100% das áreas previstas já implantadas. As condições climáticas observadas durante o estabelecimento da cultura foram, de modo geral, favoráveis, com boa disponibilidade de umidade no solo após as chuvas registradas no período. Entretanto, em algumas regiões, o excesso de precipitações e os dias com maior nebulosidade afetaram parcialmente o desenvolvimento das plantas.

As temperaturas mais baixas, típicas do período de inverno, contribuíram para o desenvolvimento da cultura, embora a canola permaneça sensível a eventos extremos durante as fases mais críticas do ciclo.

A cultura encontra-se com as lavouras distribuídas entre desenvolvimento vegetativo (51,3%), floração (19,7%) e enchimento de grãos (29%), apresentando condições predominantemente boas. Em alguns locais, uma parcela das áreas apresenta desenvolvimento regular em razão do excesso de umidade. A área cultivada na safra atual apresentou aumento em relação ao ciclo anterior, impulsionada pela substituição de áreas anteriormente destinadas ao trigo e pela utilização da canola como alternativa de rotação de culturas.

CENTEIO

Paraná: o centeio segue em fase inicial de desenvolvimento, com a implantação das lavouras avançando durante o período de inverno. As chuvas registradas favoreceram a manutenção da umidade do solo e auxiliaram na emergência das plantas. Apesar disso, em algumas localidades, o excesso de precipitações e os dias mais nublados contribuíram para um desenvolvimento mais lento em parte das lavouras. As temperaturas mais baixas do período têm favorecido o estabelecimento inicial da cultura, sem registros de perdas significativas associadas ao frio.

A cultura apresenta avanço na semeadura, com as áreas já implantadas concentradas na fase de emergência (74%) e início do desenvolvimento vegetativo (26%). De maneira geral, as lavouras apresentam boas condições, com pequena parcela classificada como regular.

A área cultivada apresentou incremento em relação ao ciclo anterior, aumento associado, principalmente, à substituição de áreas antes destinadas ao trigo e ao uso do centeio como alternativa para rotação de culturas.

CEVADA

Rio Grande do Sul: após realizar a semeadura em maio de 3% da área total prevista para a safra de inverno de 2026, os produtores gaúchos seguiram as atividades no campo, e ao final de junho a operação já havia sido realizada em 70% da área total prevista. As lavouras não semeadas são as que serão cultivadas no Planalto Superior, região que tradicionalmente realiza a semeadura mais tardiamente em razão da alta probabilidade de geadas tardias na região.

Entre as lavouras já semeadas, 30% ainda estão em emergência. As baixas temperaturas observadas nas principais regiões produtoras retardaram o processo, mas sem prejuízos ao potencial das lavouras. A área está com 70% em desenvolvimento vegetativo e apresenta boa formação da população de plantas e bom vigor vegetativo. As geadas ocorridas nas regiões produtoras não afetam as plantas neste estágio da cultura, mas as baixas temperaturas causam desenvolvimento inicial lento.

No campo, os produtores já realizam os primeiros tratos culturais nas lavouras semeadas no início da janela de semeadura. O foco é no controle das plantas competidoras, especialmente o azevém, o nabo forrageiro e a buva. Nas próximas semanas deve iniciar a aplicação da primeira dose de fertilizante nitrogenado, prática fundamental para a obtenção de boas produtividades. Nas lavouras do Planalto Superior, alguns produtores ainda

realizam os manejos finais de preparo das áreas, mas sem representar atraso no calendário da operação.

As incertezas climáticas influenciaram na decisão de plantio dos produtores. Neste cenário, a estimativa atual da área a ser cultivada com a cultura no estado é inferior ao previsto inicialmente.

Paraná: a cevada de sequeiro segue em fase de implantação, com a semeadura avançando conforme o calendário da cultura. As condições climáticas observadas até o momento têm favorecido o estabelecimento das lavouras, com boa umidade do solo e emergência satisfatória das áreas implantadas. O período de temperaturas mais baixas durante junho contribuiu positivamente para o desenvolvimento inicial da cultura, favorecendo, principalmente, o perfilhamento das plantas. Entretanto, em algumas localidades, o excesso de chuvas e a ocorrência de dias com menor luminosidade limitaram parcialmente o desenvolvimento de parte das lavouras.

A cultura encontra-se com a semeadura em andamento, apresentando áreas nos estágios de emergência (26,4%) e desenvolvimento vegetativo (73,6%). De maneira geral, as lavouras apresentam bom desenvolvimento inicial, com pequena parcela em condições regulares devido às condições de umidade excessiva.

A área cultivada na safra atual apresenta aumento em relação ao ciclo anterior, impulsionado pela demanda no estado. A cevada mantém perspectiva favorável devido à integração com a indústria cervejeira e à estrutura de processamento existente no Paraná.

A concentração da produção no eixo Central-Leste favorece o desenvolvimento da cultura, devido às condições climáticas de altitude mais adequadas à

fisiologia da cevada. Além disso, o calendário de plantio mais concentrado em junho permite melhor planejamento da logística de insumos e maior segurança aos produtores por meio dos contratos de fomento.

TRITICALE

Rio Grande do Sul: a semeadura das lavouras de triticale, que havia sido realizada em 10% das áreas em maio, foi concluída em junho. As condições meteorológicas foram favoráveis para a evolução das operações no campo e, em razão da pequena área cultivada, foram rapidamente concluídas.

No campo predominam lavouras em desenvolvimento vegetativo (90%). As condições meteorológicas foram favoráveis até o momento, e as lavouras apresentam boas condições. As lavouras semeadas mais tardiamente (10%) ainda estão no processo de germinação e emergência.

Os produtores já realizam os primeiros tratos culturais nas lavouras semeadas no início da janela de semeadura. O foco é no controle das plantas competidoras, especialmente o azevém, nabo forrageiro e a buva.

Paraná: o triticale segue em fase de implantação e desenvolvimento inicial, com a semeadura avançando nas principais regiões produtoras. As condições climáticas observadas até o momento têm favorecido o estabelecimento da cultura, com boa disponibilidade de umidade no solo e emergência satisfatória das lavouras já implantadas. As temperaturas mais baixas do período de inverno têm contribuído para o desenvolvimento inicial da cultura, que apresenta boa adaptação às condições do estado. Em algumas localidades, o excesso de chuvas e os dias com menor luminosidade resultaram em uma pequena parcela de lavouras com desenvolvimento regular.

A cultura encontra-se com o plantio em andamento, com áreas já implantadas nos estágios de emergência (40,7%) e desenvolvimento vegetativo (57,8%). De modo geral, as lavouras apresentam bom estabelecimento e estande satisfatório. A área cultivada na safra atual apresentou aumento. Contudo, permanece como uma cultura de menor expressão quando comparada ao trigo e a outras culturas de inverno. O incremento de área está relacionado principalmente à substituição de áreas destinadas ao trigo.

O triticale mantém importância principalmente como alternativa dentro dos sistemas produtivos de inverno, com utilização voltada para alimentação animal, fábricas de ração e integração com sistemas pecuários.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de inverno, [clique aqui](#).



Conab

MINISTÉRIO DO
**DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO
E AGRICULTURA FAMILIAR**

